Para Todos
Rio de Janeiro
de Maio de 1932

"A mocidade e como o Lotus:
floresce apenas uma vez."
KOHOUT
VALE A PENA
PENSAR
A mocidade é uma só — e esta mesmo pode ser abreviada pelos estragos da saude. Defender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até a velhice.
A fonte perenne de conservação para o sexo feminino é
A Saude da Mulher.
Favorece as Mocinhas,
porque normalisa o apparecimento das regras, tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.
Favorece as Senhoras,
porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores-Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.
Favorece as Senhoras mais edosas,
porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

Para todos...

DIRECTORES

ALVARO MOREYRA E OSWALDO LOUREIRO

ASSIGNATURAS

1 ANNO — 75$000

6 MEZES — 38$000

RUA DO OUVIDOR 181 — 1.°

END. TELEGR.: "PARATODOS"

TELEPHONE: 2-9654

EXPEDIENTE

Convidamos os snrs. abaixo a comparecerem á gerencia desta revista, afim de regularisarem seus compromissos:

E. de Minas:

Lopes, Irmão & Cia.	Bello Horizante
Sarpa & Cia.	S. João del-Rey
Miranda & Cia.	Sabará
Pedro & Oliveira	Ouro Fino
Antonio Costa	Sete Lagôas
A. Ferreira Gomes	Conceição do Rio Verde
Pedro de Souza Mendes Filho.	Dôres de Indayá

S. Paulo:

José Werneck Filho	Salto Grande
Modesto Carone	Sorocaba
Capalbo & Furniel	Jaboticabal

Rio Grande do Sul:

José Cuetos	Uruguayana

E. de Goyaz:

Euclydes Demosthenes Lobo.	Bomfim

O PAVOR DA NOITE QUE NÃO TERMINA

TOSSE ? BROMIL

"Villa Ventura"

PERTO da minha casa, vizinha da praia, ha uma "villa" para alugar: "Villa Ventura".

Lembro-me dos antigos moradores, um par de velhos e tres moças. Os velhos, fortes, corados. As moças, muito bonitas, muito finas, com uns olhos grandes.

"Villa Ventura"...

Talvez fosse por esta denominação que eu sempre achei naquella gente um ar feliz, repousado, alegre.

Agóra, deante da casa vasia, fico imaginando que a ventura acabou, que qualquer coisa de máo e triste aconteceu. O annuncio banal: — Aluga-se — enche de pena o meu coração.

Pareciam tão bons aquelles velhos...

Eram tão lindas aquellas moças...

Desenho de Kate Wilczynski

Nova edição da que morreu de amor

Senhorita Nenê Baroukel, Rainha das Declamadoras Brasileiras.

NÃO era dona do mar azul, dos peixinhos dourados, das conchas irisadas, nem de outros scenarios mentirosos da gata borralheira.

Era uma mulher phenomeno. A unica mulher phenomeno bonita que já houve. Tão bonita que sob o tôldo de lona de uma barraca de circo não attrahiria visitantes. Só os phenomenos anormalmente feios é que interessam, porque frizam a nossa evidente e indiscutivel perfeição...

Era a mulher electrica.

Vibrações impetuosas fugiam della, corporisadas em exclamações desenhadas pelos braços morenos e macios. Havia ondas electrizantes nos seus olhos negros como um senegalez authentico. Nos seus cabellos negros como outro senegalez, tambem authentico e irmão gemeo do primeiro. Nas mãos irmãs dos braços. Na bocca, de uma côr vermelha muito buliçosa e pedestrianista, sempre prompta a mudar de pouso...

O seu corpo lembrava esses meio-dias tropicaes.

Linhas harmoniosas e curvas. Elevações provocadoras e firmes.

E manejava esse corpo, enxuto e forte, com uma habilidade de circo. Gazúa que lhe abria todos os triumphos. Que lhe trazia os amôres sensacionaes. Os prazeres indiscutiveis. As victorias consagradoras. As ligações relampagueantes, riscadas de faiscas, sem começos nem fins, como a sua organisação chispagueante exigia...

Tinha vinte e tres annos, um boneco louro, e varias aventuras estranhas no quadro das suas lembranças amorosas.

O moço da cicatriz no queixo (a cicatriz foi o unico detalhe que guardou) ficou como um dos episodios mais lembrados. Elle estava escondido no seu beliche, num vagão sacolejador em que viajavam. Ella o presentio. Mas como a epoca era de crise, ella pensou que talvez elle fosse algum sem trabalho viajando clandestinamente, demasiado infeliz, quem sabe. Enterneceu-se. Teve vontade de ser bôa. Foi muito bôa.

E no emtanto, na outra estação o moço da cicatriz no queixo fugio com varios beijos seus e um collar de perolas. Foi uma aventura que ella nunca mais esqueceu. Principalmente porque as perolas eram falsas...

Outra vez lhe aconteceu um funccionario publico do amôr. O homem grave, serio, pontual e bom. Desses que fazem do amôr uma obrigação desagradavel e impossivel. Não o amou. Utilisou-o apenas. E quando o enfado veio forte ella se desligou sem reticencias explicativas, e foi procurar novos assumptos.

As suas ondas electricas ficaram longo tempo scentelhando no espaço. A mulher radio magnetica, de ondas e imans, de "volts" e graduadores, agia.

Uma vez...

Foi defronte do mar.

Fazia uma tarde de belleza primaveril, adjectivo cuja inclusão aqui é uma homenagem ao meu avô, que foi poeta romantico... Explico: brisas muito leves corriam no ar, mas a ausencia de arvores, na praia civilizada e branca, não dava noticias da primavera...

Nesse dia a mulher devia estar com as suas baterias super-carregadas. E como aquelle senhor grisalho e preto (o cabello era grisalho e o bigode era preto) olhasse com certa insistencia, o seu olhar foi decisivo, habil e feliz...

Ah! como o amou. Que deslumbramento. Um amôr que inspirou quatorze vestidos de successo, dois carros de raça, dois anneis assim, e muitas outras generosidades definitivas...

Na grande alegria amorosa os seus sentidos se exaltavam, e havia paroxysmos loucos que só a sua constituição morbida permittia. A sua carne não era só carne: era aço, cobre, chumbo. Uma vez em que se cortou, espantou-se de não ver sangue: vio a superficie polida de um arame. E bem sabia que em todos os seus membros havia discos de porcellana, reguladores, porque ella era excessivamente do amôr e os excessos são sempre prejudiciaes...

Pensando na sua situação excepcional de mulher electrica, se lembrou, uma occasião, de utilisar toda essa energia em algum apparelho que ampliasse de qualquer geito o amôr. De qualquer geito. Comprou, então, tratados de radiotelegraphia, electricidade, etc. Comprou caixas de madeira, caixotes forrados de estanho, reactivos chimicos. Encheu a casa de acidos, retortas, pilhas, dynamos, transmissões, arames, fios. E depois de muito trabalho e algum estudo construio o apparelho miraculoso que, installado no seu appartamento, iria saturar de amôr a todos os que o utilizassem.

Quando tudo ficou prompto preparou-se para a experiencia definitiva.

Mas na grande noite do triumpho aconteceu o accidente que veio interromper a sua vida e o desenrolar desta historia.

Um temporal bem forte batia nas caiçadas e ondas, ondas, e ondas electricas vagavam no espaço.

Ella havia tomado poucas precauções. No momento, qualquer coisa lhe sacolejou as moleculas. Sentio um estalo. Um chóque. Saturação na atmosphera. Um estampido muito maior que o barulho da tempestade, que não dava silencio nem pro socego...

Maravilhosa!

Morreu de uma explosão.

De amôr,

Senhorita Lygia Loureiro, de S. Paulo, em Poços de Caldas

O senhor Getulio Vargas lendo a sua mensagem

O Chefe do Governo Provisorio fala ao povo brasileiro

Em baixo:
Aspecto da sala de sessões do Palacio Tiradentes durante a leitura da Mensagem.

Cartas de José Verissimo a Graça Aranha

Rio, 11 de Março de 99

... Eu gostaria muito, pois é esse o seu desejo, que você tivesse esta bôa occasião de ir ao velho mundo, mas desde já, creia, lhe estou a sentir a falta e a saudade, pois você é o amigo indispensavel do meu coração e do meu espirito.

Rio, 8 de Novembro de 99

... Que ha do seu livro? Sabe você que elle me home como se fosse meu? Eu creio que no seu embevecimento, aliaz tão natural, da Europa, não tem você cuidado delle. E' preciso, entretanto, não esquecel-o; elle primeiro que tudo. Dê-lhe uma hora por dia, e em pouco o terá prompto; não disperse o seu grande talento, que, digo-lhe na sincera confidencia de irmão, será a inveja e o desespero de todos nós. E' você o successor de Machado de Assis, com mais largueza.

Rio, 29 de Novembro de 99

Carissimo Aranha

Apezar do seu horror do superlativo — horror aliás que está em desencontro com o seu temperamento superlativamente exuberante e expressivo e com a sua alma enthusiasta e superlativamente bôa — deixeme pol-o aqui, porque só elle traduz bem o meu sentimento. Li a sua bella carta ao Machado de Assis; é uma soberba pagina, que me aguça mais o desejo de ler *Chanaan*. Felizmente já você me annuncia que o seu livro vai ser editado pelo Garnier. E' signal que está prompto, pelo que eu... me felicito.

... O Machado penetrou logo a sua malicia, e quando lhe falei no assumpto elle me repetiu o que eu tinha a dizer-lhe.

Já eu andava desesperado de carta sua quando recebi a de 10. Li-a e reli-a com soffreguidão, agradecido, saudoso e invejoso da sua viagem e passeios em tão bôa companhia. Consola-me e orgulha-me saber que eu estava presente evocado pela sua fiel e amorosa amizade e pela bondade dos outros amigos, Rio Branco, Domicio, Nabuco, aos quaes me lembrará sempre, e o bom Rodolpho. Este aqui chegou. Falamos de você mas não tanto quanto eu quizera.

(Sem data) Rio — 901

... Como me incommoda a idéa de que tu não trabalhas, que não nos dás a tua obra, a primeira, que eu espero será excellente, um ensaio que será *un coup de maître*. Não procures a perfeição absoluta, completa, no primeiro livro; ainda com o teu talento, não a alcançarás. Basta que haja nelle a marca dos grandes, a garra ainda molle, não importa, do leão.

Rio, 4 de Junho de 901

... Causou-me immenso prazer receber o teu retrato. Estás bem; gordo sem *embonpoint*, forte, viril e bello. Fiquei longos momentos admirando-te, satisfeito, e consegui á força de vontade animar fugazmente a tua figura sympathica e querida. Tu tens todos os meritos, inclusive a belleza, muito grande e bom, quando como em ti é o revestimento de uma bella alma e de um alevantado espirito.

Rio, 23 de Julho de 901

... Vivo comtigo na mais constante presença tua no meu espirito e coração; comtigo estou, comtigo falo, comtigo converso a cada momento da minha vida; tu és o meu interlocutor permanente quando leio, quando trabalho, quando penso, quando sinto.

Rio, 25 de Setembro de 901

... A tua carta me fez um grande bem pela certesa de ter nestes momentos de angustia um amigo, que sente comigo, e cuja commoção por mim irradia e por amor de mim commove outros amigos. Mas é a ti, quasi a ti só que vae a effusão de minha alma verdadeiramente tocada pela graça da tua amizade, porque ainda essa manifestação consoladora desses amigos a ti a devo.

Rio, 11 de Agosto de 902

... Ha quasi dous mezes estou sem carta tua — e as tuas cartas, como já te disse e é a pura verdade, são o meu grande prazer hoje, uma consolação, um conforto.

Rio, 5 de Julho de 902

... Conversar comtigo, ainda atravez das milhares de milhas que nos separam, é para mim, podes crer, o unico, real prazer da minha vida.

... Com o muito que ha em ti, tu imporás o teu *Chanaan* facilmente e triumpharás das objecções e resistencias. Não preciso dizer-te que de mim não precisas mais triumphar.

Rio, 25 de Maio de 903

... O Bandeira deu-me excellentes noticias da tua saude, acho que não devias entregar-te já a trabalho igual (Chanaan). Sei que é pedir o impossivel, pedir ao criador quando elle sente em si chegado o momento de fazer a vida, que o adie, não t'o pedirei pois; mas não é impertinente pedir-te que nesse trabalho se poupe o mais que puder, que tenha comsigo mesmo todos os cuidados e que, por amor da vida que em si tem, não estanque prematuramente a fonte criadora della. Ouve e attende as minhas palavras, que me saem do mais fundo do coração, como de quem mais te admira e quer. O plano do teu livro pareceu-me notavel a todos os respeitos, e não preciso dizer-te que não duvido de que o executes superiormente. (Trata-se do plano para um romance que se devia intitular "A cidade que fica" e que não foi escripto).

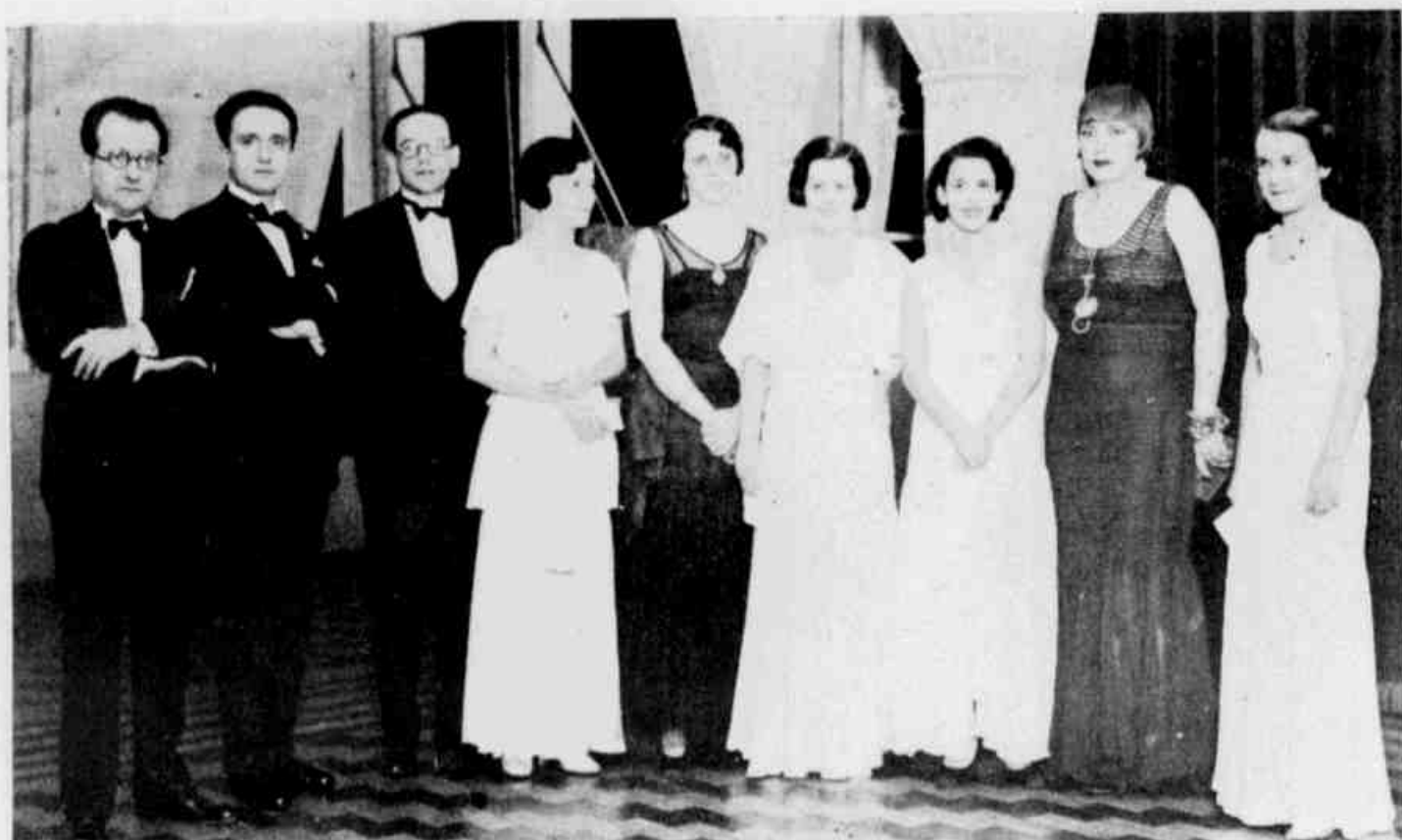
José Verissimo, em 1907.

Rio, 18 de Novembro de 903

... Da tua segunda carta o que mais agradavelmente me impressionou foi a tua soberba indifferença em face dos ataques a *Chanaan*. Decididamente *és um forte*. Eu, com os meus 46 annos, sendo 20 de vida literaria, ainda sou tão susceptivel! E mais, não sou vaidoso nem presumido. Tu, que me conheces, o sabes. E admira-me tanto mais que te não *estomagasses* com aquelles tolos ataques quando elles revelavam a incomprehensão da tua obra, o que mais duro póde haver para um escriptor, sobretudo sincero como tu. E's um forte, repito; e não sabes quanto estimo que aquellas aggressões não vão, como eu temia, perturbar a tua saude e o teu espirito. Cumpre desprezar taes ataques, e proseguir na tua obra, em que pese aos profissionaes do patriotismo.

Graça Aranha, em 1909.

Reportagem

Na posse da directoria da Associação Brasileira de Imprensa, presidida por Herbert Moses, que foi reeleito para outro anno.

Na linda festa do America F. Club, sabbado passado, a primeira hora de arte offerecida aos socios.

Na exposição do Brasil Kennel Club

MUSICA

Honegger, compositor de opereta

PIERRE BLOIS

FUI conversar com Honegger quando elle trabalhava ainda no *Roi Pausole*.

— Ah! quer saber novidades sobre o *Roi Pausole?* E Honegger tirando de uma pasta que trazia debaixo do braço varios manuscriptos, continuou:

— Penso como Fauré, não ha musica insignificante, ha *musica*.

— Offenbach é pois, na sua opinião, um grande musico?

— Sim, um grande musico; não era um symphonista, mas tinha uma invenção melodica genial. Entre os modernos o maior mestre da opereta é incontestavelmente André Messager. Ha nas suas obras fragmentos de um estylo mais elevado do que em muitas paginas de musica pura. *Ciboulette* de Reynaldo Hahn é tambem uma opereta muito musical. E as composições de Yvan são encantadoras, o final do segundo acto de *Là-haut* é tratado á maneira de uma symphonia de Haydn. O ar *Je m'en balance* tem um caracter indolente incomparavel, e o Septuor de *Gosses de riches* é notavelmente bem tratado sobre o ponto de vista combinações vocaes. Emfim, devo citar ainda uma obra que é uma revelação na opereta: *Chouchoune* de Fernand Ochsé.

O *Roi Pausole* caminha lentamente. Já escrevi mais ou menos um acto e meio. Willemetz me entrega com parcimonia o texto. Elle é muito occupado! A minha partitura evolue num estylo mozarciano, mas muito alegre, vivo, movimentado, melodico. Nada de rythmos americanos, nada de jazz, nenhum fox-trott. O genero da musica americana não poderá ser escripto com felicidade por nós, européos. Diverte-me muito o trabalho da minha primeira opereta. Aline será Jacqueline Francell; Taris, Koval. Penso que para a "mise-en-scéne" um dos grandes pintores meus amigos poderá dar idéas novas. Espero... mas...

— E' um pintor da moda?

— Sim, *avant-garde* da moda.

— P? C? D?... V. D.?

— Talvez!

Poderiamos suppor que o autor do *Pacific 231* fica sentado, desde o amanhecer, junto da mesa de trabalho, com a cabeça entre as mãos, meditando e encadeiando harmonias eternas. Ora, Honegger começa o seu dia por uma sessão de super-sport em Monthlery, como Benoist, Divo, Morel. Beethoven errava atravéz do campo para buscar inspiração. Honegger trabalha os musculos antes de se debruçar sobre o papel de cinco linhas parallelas.

O gabinete de trabalho de Honegger é muito simples. O piano, albuns de musica, muitos livros. Na parede uma successão de retratos: o seu mestre venerado Gabriel Fauré, Auric sentado ao piano em trajo de marinheiro, Strawinsky, Schoenberg, pintado por elle mesmo, Milhaud, Poulenc, d'Indy. Numa estante musicas manuscriptas. Um estojo de cachimbo vermelho, um cachimbo branco. Fumaça! Um roupão multicor. Arthur Honegger trabalha solitario.

A Sonata de Honegger tocada por Jean Cocteau e Andrée Vaurabourg.

A Tchaíkhana do Líabí-Haouss

NIKOLAI TIKHONOV

O trem da noite era esperado dentro de meia hora. As pessoas reunidas na gare da Velha Boukhara morriam de calôr. A estrada que levava á cidade parecia juncada de lençóes seccos de uma brancura extraordinaria. As paredes da estação estavam, tambem, brancas de fazer medo; quanto aos isoladores, aos silex e aos carris arrumados em linha, brilhavam com um esplendor de cegar. Na sala de espera ouvia-se a lenta respiração dos modestos passageiros assentados no chão com os seus saccos e as suas cestas, o passo calmo do homem de serviço, o entrechoque de metaes na carabina do soldado e o ruido secco do apparelho telegraphico.

Na rua os cavallos de fiacre lambiam os freios mornos e sopravam com enfado. A escada de pedra estava occupada por uma multidão vestida com roupas multicôres. Assentada á moda turca, toda aquella gente contemplava a noite, pesada e vasta, e esperava o trem. No meio dos viajantes, agachado num canto, se achava um desses que no paiz chamam "tchairiker" — um sem terra. O "tchairiker" accocorado se recordava de coisas maravilhosas, naquella hora de silencio e de espera.

Só conhecia a enchada pesada e o trabalho penoso. A sua mocidade passava como a agua que a areia engole. O seu corpo secco e simiesco nunca conhecera o conforto. Depois do ultimo emir que teve Boukhara, os mullahs e os antigos de barbas pintadas exigiram que o "tchairiker" se mettesse a degollar os djadids — os bolcheviks, — inimigos de Islam.

O "tchairiker", despido de intelligencia e confiante na mocidade, se fez salteador, "basmatch".

A essa lembrança o "tchairiker" estremeceu. Alguem acabava de atirar, por cima da sua cabeça, uma garrafa vasia, de um tom esverdeado, que se quebrou sobre as pedras do jardimsinho da estação em grandes cacos scintillantes.

No meio dos basmatchs, o "tchairiker" se ligára com um indigena de Boukhara que embora não fosse ainda velho, tinha um rosto de velho. Esse homem contára ao "tchairiker" que possuia em Boukhara uma casa e uma filha de tal belleza que elle a tinha sempre presente diante dos olhos. Descrevia a rapariga com todos os detalhes, durante horas inteiras, sem nada omittir, estendendo-se sobre cada um dos thesouros rarrissimos daquelle corpo, e o "tchairiker" ouvia-o, pallido de desespero e de paixão. Descidira enriquecer, abandonar a sua profissão de basmatch, dirigir-se ao boukhariano e comprar-lhe a filha para fazer della sua mulher. Não dissera palavra ao amigo a quem pedia, sem cessar, que lhe falasse na filha. O velho dava-lhe tapas amaveis no hombro estalando a lingua. Durante as razzias cavalgavam lado a lado...

O "tchairiker" suspirou profundamente e contemplou a agglomeração de roupas accumuladas nos degráos da escada. A multidão não estava mais immovel. A todo momento um homem se levantava e se dirigia ao jardim, á sombra das arvores negras, como recortadas em folha de Flandres; outro procurava uma posição mais commoda; um terceiro acendia um cigarro cuja fumaça não se dissipava no ar, ficava junto dos labios do fumante como uma pequena nuvem.

Sim, os basmatchs haviam degolado as populações e incendiado as casas porque os habitantes se consideravam sovieticos. Os basmatchs haviam saqueado as caravanas e roubado os viajantes ingenuos. Os mercadores supplicavam, de joelhos, para lhes pouparem a vida, os homens dos quaes tiravam a ração que tinham ajuntado para poderem casar, uivavam como lobos e se agarravam aos selins. O cinto do "tchairiker" se enchia de dinheiro. Commettiam ignominias sem saberem.

O boukhariano dissera ao amigo que era artista e sabia fazer pratos e cantaros tão preciosos que as pessoas ricas compravam para ornamentar as moradas; revelara igualmente que se tornara basmatch por causa da filha cuja belleza perfumada não podia existir nas trevas da mendicidade. Uma vez rico voltaria a Boukhara para se reconciliar com os djadids. Nessa noite, o velho repetira seis vezes a descripção dos encantos da filha, e pensamentos inesperados fizeram vir as lagrimas aos olhos do tchairiker.

Elle era simples e insignificante; a exaltação da mocidade o cegava. Tirára o cinto, que tilintava surdamente e o entregára ao boukhariano dizendo que era a ração para a filha delle.

— E' pouco, respondêra o velho, "Khai", será uma parte da ração! Os dois homens concluiram um pacto de amizade eterna e o mais velho explicára como poderiam encontral-o na antiga e gloriosa cidade de Boukhara. O boukhariano podia partir para casa, o "tchairiker" ficaria para encher de novo o cinto de riquezas.

Um apito proximo cortou o ar pesado. Na estação, as pessoas se levantaram dos bancos. Ouvia-se o sino cujo bronze arredondado e sonoro retumbou nos ouvidos. O tchairiker encostou-se á parede e fechou os olhos. Os outros podiam se apressar em tomar o trem, elle, elle não tencionava partir. Devia reunir sem precipitação todo o seu passado afim de partir mais tarde, a pé, para a sua ultima viagem. A noite se annunciava abafada como a steppe de Tchambai.

Como aquelle homem podia conhecer a sabedoria? Elle sabia que as melhores coisas na vida são: um cachimbo de hachisch e um prato de pilaf. Sugar a mão cheia de arroz gordo e perfumar a bocca com fumaça esverdeada, eram os maiores milagres accessiveis á alma do "tchairiker". Entretanto um outro milagre se tinha, naquelle momento, apossado delle. A fina chamma da paixão consumia-lhe o coração. Um rosto de immensa ternura, do qual ninguem se póde defender, estava presente aos seus olhos. A filha do boukhariano lhe tapava os ouvidos com as mãos de fantasma; via os pés brancos deslisaram sobre a poeira de greda no meio da ardua brancura da noite. Porque as mulheres têm o poder de cegar mesmo á distancia!

O "tchairiker" continuou a revolver as recordações. Abandonára a existencia de basmatch e se puzéra a trabalhar, mas o trabalho não lhe dava prazer. O que lhe restava de gordura fundira-se sobre os ossos, e o rosto tornára-se cinzento e calcinado. A filha do boukhariano lhe era necessaria. Descrevia-a, para si mesmo, em vóz alta, e, cada vez, accrescentava novos detalhes á narrativa. Aprendera de côr as indicações que deviam permittir-lhe encontrar a casa do velho na cidade que se alongava no meio da planicie, aquella cidade que elle visitára repetidas vezes.

E, entretanto, lá estava sentado nos degráos da escada da estação e não sabia que decisão tomar. O uivo ensurdecente de um monstro saudou a estação. Uma multidão colorida se encamnihou para as portas. O trem nocturno parou ao longo da plataforma, fumegando. Da locomotiva desprendia-se um calor insustentavel; assemelhava-se a um animal suarento, a agua corria sobre o ventre negro em filetes scintillantes. De novo se ouviu o som agil e arredondado do sino..

Assim o "tchairiker" se achava na estação perto da cidade; os sinos tilintavam em torno. Elle reunia as forças para a façanha. Quando pensava que dentro de pouco ia encontrar a felicidade da sua vida, tinha vontade de deixar o logar em que estava, e se precipitar para a porta da cidade. Então lembrava-se que fôra basmatch e imaginava que os policiaes de guarda á entrada de Boukhara iam agarral-o pelo braço e leval-o para a prisão. Temia penetrar na cidade durante o dia. Contemplava distrahidamente o vae-e-vem da gente diante do jardim da estação. Um russo sahiu da plataforma; as suas roupas brancas oscillavam na obscuridade. Do alto da boléa o cocheiro voltou para elle a cabeça, uma cabeça de passaro, o esperou.

— Liabi-Haouss quarenta kopecks, disse o russo sem levantar os olhos nem ajustar, e subiu para o carro. O cocheiro continuou parado olhando para a direita e para a esquerda. Desde que um russo não manda tocar, não grita, é signal que é noviço, e que se póde conduzir um outro passageiro.

— Porque não partes? perguntou o russo. A linha branca do seu braço se dirigiu para o hombro do cocheiro; o "tchairiker" tomado de uma coragem que elle mesmo não comprehendia, pulou para o carro e atirou-se sobre a almofada fazendo o russo pular.

A carruagem se pôz em marcha aos solavancos violentos. Com risco de morder

a lingua, porque as saccudidelas eram frequentes, o russo perguntou ao companheiro de viagem quem era elle. O "tchairiker" respondeu com um proverbio brincalhão transbordante de sonoridades estridentes. O russo ignorava a lingua indigena. Chegara, fazia pouco, da Russia, trabalhava no paiz havia apenas um anno e a cada instante necessitava do auxilio de um interprete. Nunca visitara a Velha Boukhara. Tinham-lhe assegurado que o melhor meio era descer na tchaikhana do Liabi-Haouss, pois os quartos mobilados russos regorgitavam de pulgas e percevejos.

Estava habituado a chegar de noite nas cidades estrangeiras; entretanto a proximidade das grandes muralhas com torres e largas portas agitou-o como só mesmo poderia acontecer ás horas mortas; além disso a noite o oprimia. A luz mostrava todas as coisas em preto e branco, sem tons intermediarios; as muralhas brancas mergulhavam nas trevas ou se approximavam tanto da carruagem que se podia tocal-as facilmente com a mão. Os pedestres se punham de lado, collavam-se ás casas para dar passagem.

Haviam aconselhado ao russo não se afastar do Liabi-Haouss — charco real — não se chegar ás mulheres envoltas em chales pretos, nunca provocar brigas nas ruelas tortuosas. E mais, haviam-lhe dito, rindo, que as mulheres que ficavam acocoradas na rua expondo capacetes bordados, não eram vendedoras desse artigo, e sim prostitutas e que não valia a pena perguntar-lhes o preço da mercadoria. Muitas outras coisas lhe tinham explicado, mas, tudo elle esquecera.

Lembrava-se apenas que ia encontrar na tchaikana um djiguite que o acompanharia, no dia seguinte, ás aldeias dos arredores onde elle se entregaria a umas syndicancias: pensava na melhor maneira de modificar os questionarios, na melhor maneira de falar aos indigenas sorrateiros. O djiguite era desses que haviam elevado a região selvagem á verdadeira vida, que estudava os officios, a existencia, as florestas, os prados, os jardins, que media os rios, as estradas, os deserto, as montanhas, que installava auto-falante, ensinava os indigenas a ler jornaes, explicava-lhes mil coisas que elles ignoravam e sem as quaes poderiam passar toda a vida. O russo estremecêra com a humidade dos rios de Aral, galopara nas montanhas da Fergana, suffocára de sede, sem agua, no deserto onde o seu cavallo cahira morto por insolação; escapára de ser assassinado em Samarkand pois o tomaram por outro.

Depois que tentara inutilmente conversar com o visinho, o russo não se interessou mais por elle. Os cavallos galopavam sempre. As ruas não se mostravam mais largas, as folhagens negras tombavam sobre os muros brancos de argila. O russo se sentia fatigado com a viagem em caminho de ferro, com o ar pesado, com a monotonia dos solavancos. A poeira tornava-lhe os dentes asperos, cobria-lhe o pescoço, a testa, as mãos. Uma atmosphera suffocante pendia sobre a cidade que parecia envolta numa fina coberta preta através da qual scintillavam as estrellas.

O cocheiro parou de repente os cavallos no meio de um quadrado formado por edificações e por arvores; o logar lembrava um mercado.

— Que é isto? perguntou o russo.

O tchairiker desceu, entregou silenciosamente uma moeda ao cocheiro e partiu sem se voltar.

— Liabi-Haouss, disse o cocheiro e apontou para a direita com o chicote. O russo sahiu do carro, sem pressa. Uns amigos lhe haviam traçado uma planta sobre a tampa de uma caixa de cigarros. Pegou na caixa e examinou-a. Os traços apagados e cinzentos de lapis formavam um quadro um tanto absurdo confrontado com a paysagem em torno.

Liabi-Haouss — o charco real — brilhava diante delle á sombra de enormes arvores com vastos troncos. Mesquitas, a não ser que fossem palacios com numerosas escadarias, arcos e columnas, rodeavam a bacia de agua; entretanto, olhando de mais perto, o russo avistou sobre um dos edificios, uma taboleta collocada muito ao alto, com a inscripção: "Casino". Por traz das mesquitas as casas eram mais baixas e fundiam-se na bruma lunar. O russo sorriu e se pôz a caminho seguindo as indicações da planta. Uma pharmacia expunha nas vitrines os seus frascos immortaes de côres variadas, mais longe começava uma rua coberta por tecto de vidro e que regorgitava de gente e de uma infinidade de lojas. Lampadas electricas espalhavam de vez em quando as suas manchas amarellas. No fim da rua, o russo avistou uns estrados cobertos de tapetes e um vendedor de uvas. Um samovar brilhante se mostrava orgulhoso, como uma divindade, ao fundo do local. Confórme a planta, era a tchaikhana do Liabi-Haouss.

O "tchairiker" se afastara do Liabi-Haouss. Deixara as ruas povoadas de djadids. As mulheres de meias côr de rosa que exhibiam as pernas até ao joelho e os homens vestidos com blusas brancas ou de côres desabotoadas até á cintura o irritavam. Evitava olhar em torno. Os vendedores de jornaes e os carregadores de agua davam gritos; os carros rodavam com barulho. Um homem vendia avelans torradas em cartuchos de paped. A multidão o rodeava, comia a gulodice, alli mesmo e atirava os cartuchos no chão... O vendedor se abaixava, apanhava, com precaução, da poeira os pedaços de papel amassado e enchia-os de novo com avelans que guardava numa sacola presa á cintura.

— Sou mais louco ainda do que elle, disse a si mesmo o "tchairiker" caminhando. A paixão devasta o homem mais do que a molestia ou a fome.

Elle rodou pelas ruelas estreitas e perdidas, completamente desertas, onde se respirava com difficuldade. Nellas podia-se cantar, gritar sem ser ouvido por nenhum vivente. De quando em vez uma janella batia acima da cabeça do "tchairiker"; outras, elle esbarrava num monte de lixo; ratos atravessavam as ruas diante delle; vózes se interpellavam abafadamente sob os tectos. Elle se achava no cáes do canal Chakhroud e assentou-se numa pedra. Sentia o coração bater na garganta. Mais alguns passos, e iria se apoderar da felicidade. Estava banhado em suor, como um cavallo sob a faca do açougueiro.

Tinha tanto calor nos pés que tirou os sapatos e sentiu o contacto da areia escaldante. A noite se transformara numa fantasmagoria incandescente. Parecia-lhe incomprehensivel que a lua amarella e fria pudesse enviar ondas tão pesadas e tão quentes. Naquella atmosphera suffocante, as estrellas, tostadas, degringolavam. Na superficie tudo dava a impressão de estar morto de calor. O "tchairiker" levantou-se e seguiu o seu caminho.

Vira tantas vezes, nas sombras, aquelles recantos que não podia se enganar. Um velho muro de argila se abria para o interior de um pateo. O "tchairiker" viu diante delle um aposento com a porta arrancada; o local estava cheio de caixas e cadeiras quebradas. Um fogareiro estalava num canto, coroado por chammas azues; bordões e cabos bizarros pendiam das paredes; dentes de differentes dimensões enchiam muitas caixas collocadas umas junto das outras. Um balde de lixo, uma vassoura e uma coberta furada fraternisavam com uma mesa de cosinha, sobre a qual espalhavam-se uns restos de melancia.

Um homem de barba cinzenta e emaranhada, rosto extenuado, braços descarnados, não ensaiou nenhum gesto com a presença do "tchairiker". Esse fechou os olhos, crendo-se victima de algum máo sonho, de um erro, pensou que era o diabo da montanha que o afrontava. E o demonio não desapparecia. Uma mão humana, purulenta, coberta de suor pegajoso, mexeu a sopa escumosa que cosinhava no fogareiro e voltou a pousar sobre os joelhos do patrão. O velho foi tomado de um accesso de tosse; abriu a bocca de onde se escapou um jacto de saliva; a barba estremecia.

— Que teria acontecido? E' a casa do amigo! Lá dentro móra a sua felicidade!

O desprezo que experimentava pelo velho impedia-o de falar. Sentia os joelhos dobrarem. Por fim o velho percebeu-o e lançou-lhe grosseiramente:

— Eh! diga dôr de dentes, hein, dôr de dentes? Hein?

Ergueu-se na cadeira, esse movimento privou-o das ultimas forças. Recahiu na poltrona de chita rasgada e comprimiu o peito com as duas mãos. Uma vez acalmado encheu o ar de blasphemias indignas dos seus velhos labios, injurou Boukhara, e o calor, e os homens, e a existencia, e quem o levara para aquelle logar. Depois excommungou o fogareiro, os dentes, a propria pessoa e perguntou suffocado:

— Que queres, hein, surdo? Porque vieste? Como vieste? Hein?

Então o "tchairiker" tomou coragem e contou ao velho, que morria de calor e de molestias, tudo que lhe tinha acotecido. Narrou todos os detalhes da sua aventura na bella lingua uzbek, rindo e urrando tanto que o velho se immobilisou na cadeira serrando entre os dedos uma queixada de gesso.

O "tchairiker" abriu a alma até o fundo. Supplicou ao velho que se retirasse para outro logar com os dentes e a machina de fogo, pediu-lhe para dizer onde estavam o amigo e a filha do amigo. Si o velho tivesse encantado ambos que de novo os transformasse em sêres humanos, e elle, "tchairiker", voltaria a ser

Gravura em madeira de Joh-Dijkstra

basmatch e lhe traria uma montanha de thesouros: não precisaria mais, no fim da vida, vender dentes de mortos.

O velho, assustado, olhou o "tchairiker", bem nos olhos, e murmurou:

— Nada posso fazer... Eh! camarada! Tu soffres? Eh! amigo, estás enganado. Não trato de loucos.

O velho não entendia uma palavra do que dizia o "tchairiker", e entretanto este sabia que devia convencel-o. E sómente depois de dar o seu ultimo uivo, que se elevou até o cume do ulmeiro visinho, foi que elle comprehendeu: estava perdido, o amigo se ausentara assim como aquella pela qual lhe batia o coração. Não a veria jamais. Tudo estava perdido. Tombou sobre os degráos e chorou aos pés do velho dentista que continuava agarrado a uns dentes de gesso.

Musulmanos !Djadids! Attenção! Que é o dia inexoravel? Abram o livro e leiam: e elle inspeccionou o exercito dos passaros e disse: porque não vejo a poupa? Estará ausente? Ora a poupa estava ausente.

O "tchairiker" comprehendeu que o velho podia morrer mas que não diria nada. Então, levantou-se, enxarcado de suor, rondou a casa meia destruida e falou ao guarda que lhe veio ao encontro. O guarda informou-o de que o pae e a filha, um mentiroso senil, um cão de barba emaranhada, devia-lhe dinheiro e o tendo offendido partira não se sabia para onde; abandonara a casa que as chuvas da primavera haviam destruido em parte e que, no outomno se desmoronaria.

O "tchairiker" ficou muito tempo acocorado sob uma arvore. O tronco acolhia-o pelo mutismo da indifferença. Uma chamma azul dansava na machina do dentista, o velho allucinado, cuspia e lançava, para o lado do "tchairiker", olhares amedrontados. Um lagarto sahiu de um buraco empoeirado. Cheirou os sapatos do "tchairiker" e seguiu erguendo-se sobre as patas. O "tchairiker" afastou-se da arvore e mergulhou nas ruelas onde só a lua o acompanhava. Ella queimava-lhe os hombros e a cabeça, não podia evital-a. Um ruido subito de conversações e de passos rodeou o vagabundo. Achou-se numa rua ao fim da qual scintillava o Liabi-Haouss, cuja agua immovel e gordurosa dava a vertigem. Tal como um fantasma, o "tchairiker" entrou na tchaikhana do Liabi-Haouss.

———

Dez estrados cobertos de tapete, um samovar gigante, montanhas de chicaras, o amigo que vendia uvas á entrada, alegravam o coração do senhor. Elle era ainda moço; aos seus pés uma russa, uma camponeza, vinda daquelle paiz Deus sabe como, lavava o vasilhame. O russo reuniu algumas palavras e esforçando-se por lhes dar uma significação completa, disse:

— Ess sélam-aleikoum, aka — eh! — bom dia, boa tarde, dormir aqui, aka-eh! possivel. Coberta — kourpa, kok-thé — dormir...

O patrão comprehendeu. O hospede pedia pousada.

— Pedir policia, respondeu deformando tambem as palavras: ordem dormir... papel dormir...

— Onde é a policia, perguntou o russo.

A criada veio em auxilio do hospede. Enxugou as mãos no avental listado, para se mostrar polida, e se levantou:

— O senhor siga em linha recta, depois tome á esquerda, e lá pergunte pelo bazar verde, é a policia.

O russo deixou a valise e partiu. O calor na rua envidraçada suffocava-o. Diversas pessoas passeavam se atropelando e fazendo barulho. Meninos introduziam á força nas mãos do estrangeiro pequenos pedaços de papel amarello: reclame de um cinema. Elle pegou num e leu distrahidamente: .3000 attracções. A ilha dos mysterios. O paraiso dos animaes. 6 episodios, 36 partes. Para commodidade dos espectadores duas séries por noite. Litzerreg, 349.

— Litzerreg, disse para si mesmo. Litzerreg, que é que isto póde significar? Ah! sim, Região Zaravchan... a preguiça o impediu de continuar. A censura, ...elle teve vontade de rir. Mergulhou na cidade dos émirs, a cidade mais antiga da Asia, que não se lembra do dia em que nasceu.

Entrou por uma ruella, como lhe haviam indicado, e esbarrou numa escada. Sem tornar a levantal-a continuou, a passos lentos atravéz dos corredores brancos e pretos. Não havia ninguem. Uma infinidade de pequenos animaes nocturnos se moviam ao longo dos muros. Nuvens de poeira se elavavam até aos joelhos do russo. Elle caminhou muito tempo, a exiguidade e a infinidade de muros brancos e pretos já estava ameaçadora. De repente avistou umas fendas por onde se filtrava a luz. Atravéz das brechas appareciam uns homens que cosiam sapatos ou afiavam facas, contavam dinheiro ou conversavam apenas. O fogo dos braseiros dava aos rostos calmos expressões belicosas, o calôr turvava os olhares. O russo continuou o seu caminho. Por fim a ruella se alargou.

O russo chegara a um basar deserto. Sem duvida era o basar verde. As janellas das casas estavam fechadas. Ao pé das paredes dormiam homens entre pacotes. Repousavam sem resonnar. O russo saltou por cima de um que, estendido de bruços, atravessara as pernas no caminho. Perto delle um burro se coçava sorvendo o ar com as enormes narinas. Atráz do bazar se elevava uma mesquita. Dois minaretes um pouco destruidos coroavam a massa negra.

Um homem adormecera na entrada da mesquita. O russo esbarrou nelle, ao passar, o dorminhoco remexeu-se ruidosamente e se pôz a resmungar. Um soldado indigena estava no posto esfregando os olhos. O viajante achou que um soldado devia comprehender o russo. Perguntou onde ficava a policia. Sem dizer palavra o soldado indicou a mesquita. O russo, tomado de um sentimento singular, entrou no pateo escuro. Uma baforada de ar fresco, si bem que humido e pouco acolhedor, chegou-lhe ao rosto. Sem duvida, por lá havia agua estagnada. O corpo principal da mesquita elevava diante do russo o seu arco inevitavel. Numa escada lateral estavam dois homens: vestidos de branco se assemelhavam a dois mortos sahidos dos caixões. O russo que sentia a fraqueza invadir-lhe o corpo, subiu a escada e se achou numa sala pequena. Nella, dois soldados sentados junto de uma mesa de tres pés apoiada á parede. Em frente delles uma mulher de cabeça descoberta, cujo rosto de olhos apertados e vermelhos, guardava traços de lagrimas; ella contemplava com pavor um homem ossudo, mal barbeado, de aspecto descuidado, vestido com um paletot de tussor rasgado.

— Escreva! Escreva! dizia o homem dando murros na mesa. Escreva como eu estou dizendo: ella disse: um officio de cão, eu sou um cão. Sim, eu sou um cão...

— Eu não disse isso, choramingou a mulher. Eu não falei em cão.

Os homens assentados junto da mesa bocejavam preguiçosamente. Uma vela enfiada no gargallo de uma garrafa acabava de se consumir. Um dos soldados apanhou outra na mesa, afinou a ponta com uma faca e collocou-a no logar da que acabara, sem dizer nada. Os policiaes tinham desabotoado o uniforme, gottas de suor salpicavam-lhes o rosto.

— Que deseja camarada? perguntou o que substituira a vela.

Sem se apressar o russo apresentou os documentos.

— Preciso dormir nalgum logar. O dono da tchaikhana exige a autorisação da policia.

— "Rost", disse o policia falando não se sabe porque em afghan, o senhor não terá ahi um pedaço de papel?

O russo não comprehendeu immediatamente o sentido da pergunta. O soldado voltou-se para a parede, arrancou um grande pedaço de papel que a forrava e recomeçou a se remexer no tamborete.

— Não terá um lapis?

O russo tirou do bolso um lapis-tinta. O funccionario cuspiu varias vezes sobre o papel, quando esse estava molhado de saliva, cobriu-o lentamente e com capricho de caracteres arabes, escrevendo da direita para a esquerda e de alto a baixo e admirando os signaes que fazia. Tendo enegrecido toda a folha estendeu-a ao russo sorrindo:

— Eis um certificado...

A mulher continuava a chorar em silencio. De repente o homem mal barbeado disse:

— Pois bem, risque tudo isso. O diabo que a carregue! Sou um cão? Tanto melhor! Mudei de idéa. De que serve latir para a lua, saberei me vingar sósinho.

Sahiu cambaleando sob o effeito do calôr ou do desgosto, ou talvez da vodka...

O russo voltou á tchaikhana e exhibiu o papel. O djiguite não se apresentara ainda, por isso o viajante se dirigiu ao Liabi-Haouss. Quanto ao dono da tchaikhana, tomou o documento e mergulhou na leitura syllaba por syllaba. O proprio processo da reunião das lettras o interessava tanto que só voltou á vida quando a criada foi lhe pedir assucar.

———

Que longa noite sem fim! Será possivel que haja algum paiz onde caia uma chuva primaveril, onde a neve semeie os seus flocos brancos e frios, onde, mais simplesmente, um vento forte sacudia as arvores? O Liabi-Haouss parece transbordar uma espessa resina, apenas aqui e lá pontos brancos scintillam na sua superficie. Nos bancos, á sombra da folhagem immovel das enormes arvores, se eleva um surdo murmurio e farfalhar de tecidos brancos. Os sons abafados e chiados da musica enterram no ar pesado como agulhas.

No outro lado do terraço, um pavilhão descoberto, estão dezenas de pessoas agrupadas: é loto. Os jogadores suam de ansiedade, de medo, de calor. Sobre os rostos das mulheres russas, o pó e as pinturas derretem e escorrem em regos coloridos. As mulheres se apresentam apenas com o vestido, nenhuma usa camisa. Os labios pintados brilham como metal. Os russos, suarentos, passeiam na extremidade do terraço, fumando cigarros, e palestrando em voz alta, com grandes gestos. Nas esquinas das ruas os cães brigam por causa de lixo; alguns animaes, de lingua de fóra, estão deitados perto da agua.

Na pharmacia os vidros espalham uma tristeza multicor. Um enorme relogio preso á parede chama a attenção. Ha nelle uma grande indifferença.

Os homens respiram de bocca aberta, ca-

minham vagarosamente e comem fructas, cujo succo morno molha a bocca e cobre a lingua de uma crosta assucarada.

Um derviche procura insectos na roupa; está assentado, inteiramente nú, na entrada do Casino fechado. Um muezin se dirige ao minarete, caminhando sem ruido e rolando entre os dedos, as contas de um rosario. Os muros da mesquita ameaçam tombar sob o effeito do calôr. Nesse logar o emir cortava a cabeça dos prisioneiros. Os jogadores de loto pousam os cotovellos sobre a mesa, onde se formam manchas de suor. Os homens transpiram como si carregassem pedras. O muezin subiu ao minarete, lança o seu grito sobre a cidade, ninguem lhe responde. Póde ser que sob os tectos haja quem reze; aqui, em baixo, todos se conservam immoveis.

O russo se descuida das precauções. Mette-se pelas ruellas. Estão desertas, sem vida. Quem foi então que tomou conta de todo o vento e todo ar? O ar se trasforma em leite. Será possivel que esse peso não seja o fim?

O russo refaz o caminho do "tchairiker". Vê atravez da fenda do muro o dentista e sente o desejo de trocar com elle algumas palavras. O velho está enchendo o fogareiro de kerozene. Um roupão esburacado, desbotado, oscilla sobre os seus hombros magros. Um judeu, pensa o russo contemplando os dedos amarellos e pequenos do velho e os seus gestos furibundos.

— Como faz calor, diz o russo se approximando. Não é verdade que faz muito calor?

O dentista acabou de encher de kerozene o fogareiro. Segura-se á mesa e se atira sobre a poltrona.

— Calor? exclama. O senhor disse: calôr! Isto é existencia? Impossivel respirar de dia, impossivel respirar de tarde, impossivel respirar de noite. Permitta-me perguntar-lhe quando é que se póde respirar? Sequei, — afasta o roupão deixando descoberto o peito ossudo e tostado; camarada, que vida a nossa! Trabalho de noite, é mais fresco. Mais fresco... já viu noutro logar semelhante frescura? Enxuga o suor do rosto. Que ha para beber? O senhor póde lá beber a agua desses fossos, com vermes, aranhas, sujeira? Póde-se beber uma agua assim? Pergunto-lhe, é possivel?

O russo fica calado. Sentou-se numa cadeira furada e contempla o fogareiro.

— O senhor vae me perguntar quem me pôz aqui? continua o velho dirigindo-se ás trevas. Ao facto que me pôz aqui? A pobreza. Bebo borjom, sinão já estaria morto ha muito tempo. Sabe quanto custa aqui o borjom? 70 kopecks a garrafa. Como encontrar o dinheiro necessario no meu magro bolso?

Leva a mão ao pescoço e começa a tossir.

— O senhor precisa dos meus serviços? Alguma obturação? A noite! Vivemos de noite. Fantasia oriental, accrescentou.

O russo se conserva immovel. Em torno os dentes lançam manchas brancas e as pinças metallicas brilham fantasticamente. O russo se approxima do velho.

— A sua existencia não é nada divertida, diz com indifferença.

O velho curva-se para o russo, enrolando um cigarro.

— Aqui vive-se alegremente. Muito divertido: não ha mais casas nem quartos. Crise de habitação. Tenho esta ruina até o outomno. No outomno as chuvas vão derrubar tudo. Vivo exposto aos ventos, sem porta para fechar. Aluguei esta esta habitação — acende o cigarro e se acalma — de um basmatch, um basmatch e a filha. São todos basmatchs... Por aqui passam loucos. Hoje veio cá um louco, o calor lhe fez perder o juizo. Não me acredita? Morre-se de calôr. Argila, lama, alegria, ignorancia.. .

Suffoca. Impotente para dominar a tosse joga fora o cigarro, mette a mão debaixo da cadeira, tira uma garrafa de borjom, desarrolha, apanha um copo, enche até o meio e bebe avidamente.

No movimento, mostra o pescoço fartamente pelludo.

— Quer? pergunta indicando a garrafa, com um ar de suspeita. E' quente, evapora-se, accrescenta. Mas que fazer? Que fazer? Beber a garrafa de uma vez só, não posso, é acima dos meus meios...

O russo recusa e se levanta. Tira um cigarro, dispõe-se a acendel-o, muda de idéa, guarda-o de novo na caixa e lentamente se deixa levar pelas ruellas. O ar está immovel, entretanto parece que todos os objectos começam a se liquefazer. A noite se eternisa branca e morta. Um nevoeiro quente envolve a cabeça como uma atadura apertada.

O djiguite esperava-o na tchaikhana. Conversava com o patrão e fazia galanteios á criada emquanto bebia chá verde numa chicara grosseira. Dois bules vasios se ostentavam deante delle. O russo apertou a mão do djiguite, e se sentou abatido. Não tinha vontade de falar. O patrão trouxe-lhe uma chicara.

Da parede pendia o retrato de um homem que se assemelhava vagamente a um cardeal militante. O russo prestou attenção. Era a imagem de Faizoula Khodjaiev, presidente do Comité Central Executivo. Afundado numa poltrona luxuosa, envolvido num roupão bordado, tinha a cabeça coroada por um grande turbante. As mãos crestadas e aristocraticas seguravam com força os braços arredondados da poltrona. Apertava ligeiramente os olhos de asiatico o que lhe dava ao olhar uma expressão um tanto escarninha. Em baixo do retrato varias prateleiras sustentavam quarenta chicaras vasias sem pires; vinte bules erguiam, como minusculos elephantes, as trombas brancas, prestes a rugir. Os dez estrados cobertos de tapetes estavam cheios de gente.

A noite já ia na sua segunda metade. Os raios luminosos da lua continuavam a espalhar a suffocação. O Liabi-Haouss scintillava de faiscas que pareciam electricas. Pessoas semelhantes a sombras se comprimiam nas ruas. Viam-se menos russos. As onze portas de Boukhara se fecharam á meia noite; os russos tinham-se retirado para suas casas na cidade nova.

Os sons da musica vinham sempre de baixo, da agua, e a taboleta do loto se illuminava acima dos rostos morenos dos jogadores. O hindú, assentado no canto da sala tirou, de uma pequena caixa, um "baton" para pintura e, com gestos de mulher, reavivou o signal da fonte, mirando-se num espelho, de bolso. Um turco tirou o enorme gorro de pelle de carneiro e se pôz a comer uvas mornas e muito assucaradas.

O djiguite acabou de beber, enxugou na manga o bigode e a barbicha e começou a falar.

— Então, partimos? perguntou o russo; já arranjaste os cavallos?

— De certo! Arranjei no "howli", sabes? Quando partimos?

— A's nove horas não estará muito quente?

— A's nove horas? Porque muito quente? Não queres partir mais cedo? Bem, partiremos ás nove horas.

O djiguite puxou do bolso o jornal indigena.

— Communista, disse elle piscando o olho, queres que eu te ensine a ler na nossa lingua, serás muito intelligente.

— Mais tarde, respondeu o russo; tu comeste, bebeste?

— Bebi, muito obrigado; comer não quero. Faz a gente ficar pesada.

— Porque não és casado, djiguite?

— Casado? Oh! casado. O djiguite pôz os olhos longe. Sabes, para casar, na nossa terra, é preciso ter dinheiro. Então a mulher será bôa, bonita, uma verdadeira mulher. Fiz economias, cheguei a ajuntar dois mil rublos. Minhas costas juntaram, minhas mãos juntaram — sorriu maldosamente — onde está o dinheiro... Qual a rapariga que... negra como a noite, branca, como a noite. Longe daqui, em Chakhrissiaps, sabes? Fui para casa della levando a ração, dois mil rublos. Bastante dinheiro, não é?... Um basmatch, que elle seja amaldiçoado, me tomou tudo. Falei, gritei, elle tomou tudo. Prompto. Fiz-me djiguite. "Ka-haldy baldy"...

O djiguite calou-se. Passava pela barba a mão que a colera fazia tremer.

— Sabes, procurei o basmatch. Nunca o encontrei! Nunca o encontrei! Nunca o encontrei! Nunca, nunca! Matei tantos, tu sabes, mas nunca o agarrei.

— Tu te lembras dos traços desse homem? perguntou o russo, e abriu a cigarreira. Não fumei todo o dia. Impossivel. Torna a gente pesada...

— E eu fumo, disse o djiguite tirando um cigarro com precaução. Obrigado. Reconheço-o como um pardal. Não é possivel distinguir duas formigas, mas póde-se reconhecer um pardal. Sou absolutamente russo, fumo, bebo, leio "O Communista" como Akhoun Babaiev. Vou casar com uma russa. Marouska. Ella não precisa de dinheiro. E' perfeita.

Percorreu a tchaikhana com um olhar alucinado. O russo, por sua vez, examinou a sala. Avistou num canto o companheiro de carro, cançado, abatido, triste. O russo perguntou:

— Djiguite, onde se passou isso?

— Que é que se passou?

— Onde te roubaram?

— Ah! fez o djiguite. Ak-Rabat. Em Ak-Rabat, sabes?

(Segue no fim da revista)

Gravura em madeira de N. Eckmann

MISTINGUETT

COLETTE

A primeira vez que vi Mistinguett em scena, foi cantando uma canção que se chamava, se não me engano, *La Foire d'Andouille*, e soprava numa pequena flauta de cana o estribilho. Não me lembro muito bem do rosto que tinha naquelle tempo, rosto espantado, inacabado, que hesita sobre o partido a tomar. Creio que exhibia bellas barrigas de pernas, robustas, núas, sahindo de meias curtas. Sentava-se sobre a caixa do ponto batia o compasso, cantava, agitava os cabellos, emfim desempenhava applicadamente o seu papel de *diseuse* comica dentro de um rythmo precipitado. Do mesmo modo saia de scena, e a sua pressa podia significar: "Tenho apenas um momento, preciso deixal-os para ir me occupar da outra, para ir trabalhar a outra — a outra Mistinguett, na qual vou me transformar. O que vos mostro aqui, não é definitivo. Não é tudo ainda..."

A mulher franceza não parece, physiologicamente, precoce. A sua adolescencia aspera e magricella como um bago de uva espim, apenas promette. Que se póde dizer dos seus vinte e cinco annos melancolicos e extraviados, inconscientes das proprias fórças? Uma estrangeira entendida no assumpto, me assegurou que a França é, por excellencia, o paiz da «quarentona perigosa. Ora, o music-hall, como o theatro, clima excepcional, amdurece quarentonas eternas. O seu sol é forte cura as indolentes, e acolhe com muito gosto a belleza de *imaginação*, que não sabe como manobrar, peada por ella mesma.

Qual a estrella moça cujo nome, no cartaz, attrahe a multidão de espectadores e enche cem noites consecutivas, uma sala? Melindraria artistas que estimo, si as nomeasse, espantando-me da absoluta incapacidade de conseguirem isso. Que faltaria a certa mulher moça, festejada, que ha poucos annos se suicidou? A sua dansa leve, perfeita, a encantadora maneira de cantar e de dizer, o fogo negro dos olhos e os negros cabellos em cachos; successos formidaveis em toda a Europa, não lhe bastavam? Não, não era sufficiente tudo isso, pois podemos defender a causa de todos os seus dons mortos, e louval-os um a um. Talvez só lhe tivesse faltado essa coisa que não se sabe reprovar nem descrever, um esplendor autoritario, o recurso infallivel de uma saude physica e moral, uma especie de *tonnerre de Dieu*, uma resistencia de cantineira, essa rica fonte de si mesma que não consegue exgottar Mistinguett, e que as multidões de espectadores bebem com os rostos extasiados.

Paciencia, longo sazonamento, decantação minuciosa do gosto confuso dos grandes publicos — emprego termos industriaes...

Tateando em torno do *segredo* do artista celebre, uma ultima palavra me impressiona, a palavra: aristocracia.

Uma aristocracia physica quasi incomparavel, assegura contra todo perigo as evoluções e as attitudes de Mistinguett. Oh! calorosa e delicada multidão parisiense! Tu não te enganaste. Celebraste as costas lisas, as cadeiras moderadas, o desembaraço do movimento de espaduas. Applaudiste, amaste o caminhar, a perna, o joelho livre de empastamento, o pé de peito alto de *Miss*, o seu fino pulso, o antebraço que faria inveja á casta que chamas em bloco, as *duquezas*. O que ha de mais inacto no teu idolo, é a duqueza, e a prova é ella adorar o disfarce de rapariga do povo. Com um ridiculo avental de xadrez, ella empunha o esfregão de flanella e vem palrar nos convencendo de que é *Fleur de Bille*, servente de garages. Ou pica a tesoura uma saia, desfia trapos e calça velhos sapatos *novos* para vender ramalhetes de flores fanadas. Ao vel-a assim quasi choramos, de tal forma o contraste entre o alegre sorriso de dentes fortes e os olhos melancolicos, de um azul doce, cantos caidos, nos commove... Mas no fundo não ignoramos que a sinceridade de *Miss* está proxima, no quadro seguinte, e nos dois *finaes*.

A sinceridade de *Miss* está nas nuvens. No meio de uma aurora de pequenos espelhos partidos, sob um arco-iris de echarpes, uma chuva de petalas, de jactos cruzados de luz, ella se eleva — assim se diz do astro.

O lugar que a suscita é acima do nivel commum, no alto da Escada. Desce sem baixar os olhos, pois se dedica inteiramente áquelles que a esperam, e que ella saúda com um amor imperturbavel. Atraz della, em torno della, suspensas nas suas cadeiras, ondulam e tombam cataratas de tulle, de ouro transparente, de neve, com espumas de plumas que estremecem no ar. Flores, pennas de pavão, fios de crystal, acompanham o prodigio e a cadencia do passo firme. Entre o monstruoso aerostato da saia e as aigrettes da cabeça, o tronco vestido de pelle, estrictamente fechado em qualquer calice, perde todo o peso, parece fluctuar... Mas a cabeça carrega sem se curvar o mais selvagem edificio, concebido em arrebique por uma criança embriagada, elaborado por um poeta cheio de opio, por um feiticeiro negro. Mil passaros morreram, mil cascatas gelaram, mil nuvens do poente deixaram o céo, feridos em pleno vôo, para que Mistinguett desça cincoenta degráos e avance até a ribalta. Assim faz ella, e é o bastante para provocar a explosão do enthusiasmo fiel...

Porque? Vocês me perguntam porque? Mas não vêem que como arabesco subtil sobre um muro azul de céo, ou gigantesca e palpitante de fogo e de joias como o incendio, ou sem limites como a fumaça, Mistinguett, incessantemente, tende a se dissolver e a se renovar a maneira de um desejo? Ella é hoje o unico depositario de uma grande confiança cultural. Ella está numa extranha *casa* astrologica, onde apenas a attinge o desejo unanime, contempla-a, aperfeiçoa-a, e a mantem, senão tangivel, pelo menos visivel? Pela apparencia podem escolher entre o repuxo, a amphora, a rosa, o penacho... Será que ella não existe?...

C I N E M A

Charensol

HAROLD Lloyd não é menos attrahente do que Buster Keaton. Keaton tira, ás vezes, da sua impossibilidade effeitos comparaveis aos de William Hart. Ao passo que Harold Lloyd usa meios mais faceis. Em summa, o que permitte approximar esses dois actores, não é tanto a arte, mas a maneira de compôr os films.

Sabemos que uma fita comica é baseada no *gag*. E' da accumulação dos *gags*, da qualidade e do ligamento delles, que depende a qualidade do film, o actor só intervem como um traço de união entre as scenas desprovidas de unidade.

A evolução de Harold Lloyd é a de Buster Keaton e das principaes *vedettes* do film comico, inclusive Carlito. No principio pequenas fitas: *Harold em casa da vidente*, *Harold e o Policia* e vinte outras interpretadas com a picante Bébé Daniels. Mas os films se alongaram, os *gags* se multiplicaram, as mise en scenes tomaram maior importancia: *Marinheiro contra gosto*, *dr. Jack*. *O Homem mosca*. *Viva o sport*, etc., etc...

O desapparecimento de Roscoe Arbuckle, depois de um desses escandalos contra o qual o puritanismo americano gosta de se mostrar indignado, foi muito sentido, pois *Fatty* não era comico apenas pela corpulencia; elle tinha talento, e os seus films apresentavam um movimento e uma imaginação notaveis.

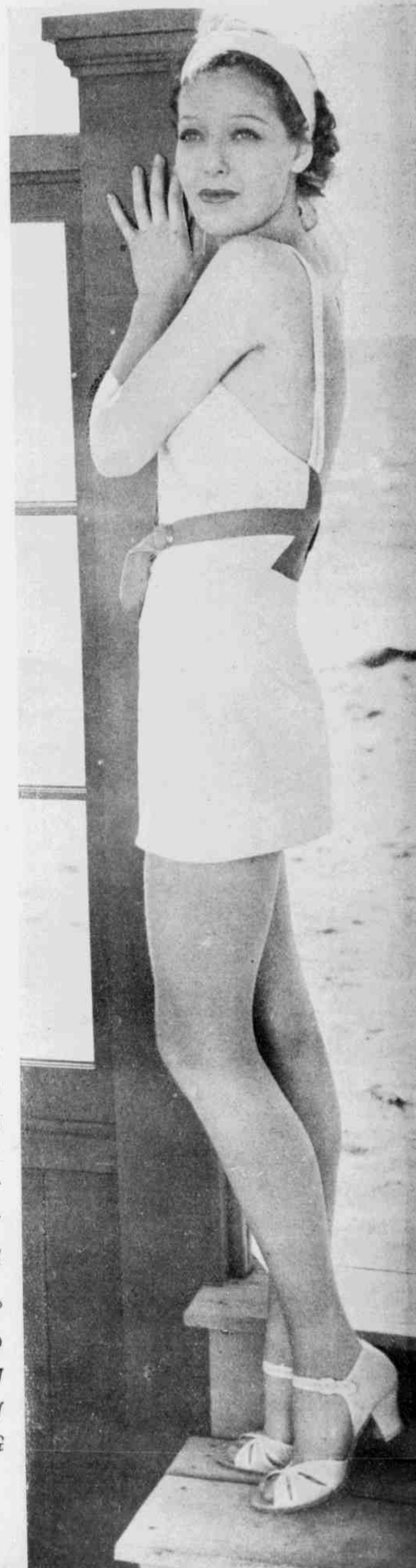
O seu ex-companheiro: All St.-Jhon não conseguiu os mesmos successos de Buster Keaton que estreou com elles. Entretanto alguns dos seus films, mereciam a popularidade.

A encantadora hilariedade dos films de Ben Turpin, Monty Banks, Harry Pollard, não póde ser descripta. A comicidade de Larry Semon e de Clyde Cook é de um caracter mais elevado. Cook parece aliás se atirar para o film dramatico; nós o vimos interpretar um papel secundario ao lado de Bancroft que, tambem, se revelára antes como actor comico.

Citemos ainda as *equipes*: Karl Dane-George K. Arthur e Charlie Murray-George Sydney.

Com Sydney Chaplin, irmão de Carlito, Chester Conklin e Raymond Griffith chegamos á comedia. Sydney não tem espirito; em compensação, a figura de velho pateta tão finamente traçada por Conklin nos divertiu bastante. A arte de Raymond Griffith é de um quilate mais alto: é uma caricatura, apenas favorecida, da distincção, que o creador de *Raymond Filho de Rei* traça em todos os seus films. A comicidade vem do contraste entre a dignidade do personagem e as situações extravagantes nas quaes se encontra.

Nunca Griffith levou a comicidade mais longe do que no extraordinario film: *Mysterioso Raymond*.

E' preciso dar um logar á parte a Harry Langdon cujos films são animados por uma fina poesia. Nunca nos esqueceremos da fantasia tão delicada, o humor melancolico de *Papae de um Dia*.

LORETTA YOUNG

Os cabe

KAY FRANCIS

RUTH CHA

Doris Kenyon tem a cabeça loura, e é morenissima por dentro. Ruth Chatterton, com os seus cabellos castanhos, vive com os olhos perdidos no sonho das paizagens dolentes. Kay Francis, vocês sabem, que é, no geito, a mulher mais loura deste mundo. Os cabellos tambem négam...

ellos que négam...

Tres cabeças differentes de tres almas

HATTERTON

DORIS KENYON

EPISODIOS

ODILON JUCÁ

Os nordestinos denominam *avoantes* a grandes pombas que emigram, por um sentido divinatorio mais seguro do que a experiencia dos sertanejos, quando se aproximam as longas estiadas. Ellas emigram em bandos incontaveis, cem após mil, cortando com o seu vôo largo o azul forte das tardes estivaes. E levam assim, ás mais longinquas paragens, antes que o telegrapho ou a physionomia cansada dos homens maltrapilhos e famintos, a noticia confrangedora de que tornam a arder como brazeiros infernaes os sertões escalvados onde ellas nasceram.

E á bocca da noite, depois que os bandos incontaveis se sumiram já no horizonte distante, uma *avoante* solitaria, batendo as azinhas mais afflicta do que as companheiras que se adiantaram, desperta ainda a attenção dos homens como um ultimo convite para que elles se apressem...

Não conheço imagem melhor da gente daquella região.

Como as pobres aves de arribação, descem tambem pelas estradas infinitas, a caminho do litoral, as familias espectraes dos retirantes, umas seguidas de outras...

O exodo dura semanas, dura mezes. E quando se julga inteiramente deserta a terra madrasta, quando se pensa que o ultimo sertanejo bateu já o pó de suas alpercatas amaldiçoando, de bordo do navio em que emigra, a mãe lendaria que devora os proprios filhos, ainda ha alguem...

E' a ultima pomba que tambem quiz, afinal, levar ás terras distantes a noticia triste do seu ninho deserto.

* *

O nordeste é scenario outra vez dessa representação dantesca. Tres annos a fio virtualmente sem chuvas, sem inverno, fariam acreditar sem mais um só homem, ou um animal vivo, qualquer outra terra.

No Ceará ainda ha viva gente. De lá ainda batem azas algumas retardadas *avoantes*. As que ficaram, por quererem levar, muito tempo depois da partida das primeiras irmãs, ás paragens longinquas, de creaturas scepticas, as mesmas palavras de desalento:

— Aquillo continua a queimar... A agonia se prolonga...

* *

A escriptora Rachel de Queiroz vem como a *avoante* da ultima hora trazer á gente bem vestida e bem alimentada do sul o seu testemunho da miseria em que se estiola a Terra do Sol.

De outra vez ella contou num livro admiravel a tragedia dos seus irmãos. Contou-o tão bem, que a "Fundação Graça Aranha" premiou-lhe *O Quinze*; disse-o com tanta alma, que a sua communhão na dôr com os miseraveis cercaram-na de lenda; fel-o com tanta intelligencia, que os mediocres e os nullos tiveram inveja.

A senhorita Rachel de Queiroz, ao passar por Recife, foi qualificada como communista pela policia pernambucana.

Besuntaram-lhe os dedos de tinta; tiraram-lhe uma photographia de frente e outra de perfil, mostrando-a como uma creatura horrenda...

Perguntaram-lhe varias tolices. Se ella não seria Juno, mulher de Jupiter, vinda á terra para se vingar do esquecimento dos mortaes... E outras assim.

Ella sorriu. Não da imbecilidade. Sorriu de admiração pela intelligencia, lembrando-se da observação ironica de Remy de Gourmont, de que nada provoca tanto um ataque de riso como uma manifestação de estupidez...

Sorriu, depois riu com satisfação e, muitas horas depois, restituida á liberdade, sorriu ainda do que fez ouvir, em palavras de displicencia e sarcasmo, aos beleguins do jornalista Lima Cavalcanti.

* *

O misogynismo de certos cavalheiros classifica-os desabonadoramente na escala animal.

A consciencia de uma nullidade propria integral e indisfarçavel desenvolve-lhes o respeito humano ao ponto de julgarem atiradas ás suas cabeças vazias todas as carapuças que cabriolam no ar...

Certa vez o doutor Oswaldo Aranha ferrou a lerdesa de uns tantos beocios com a affirmação de estarmos vivendo num deserto de homens e de idéas. A phrase, até certo ponto verdadeira, caminhou, chegou a Recife. O chefe de policia poz as mãos á cabeça, zonzo, zonzo, e disse:

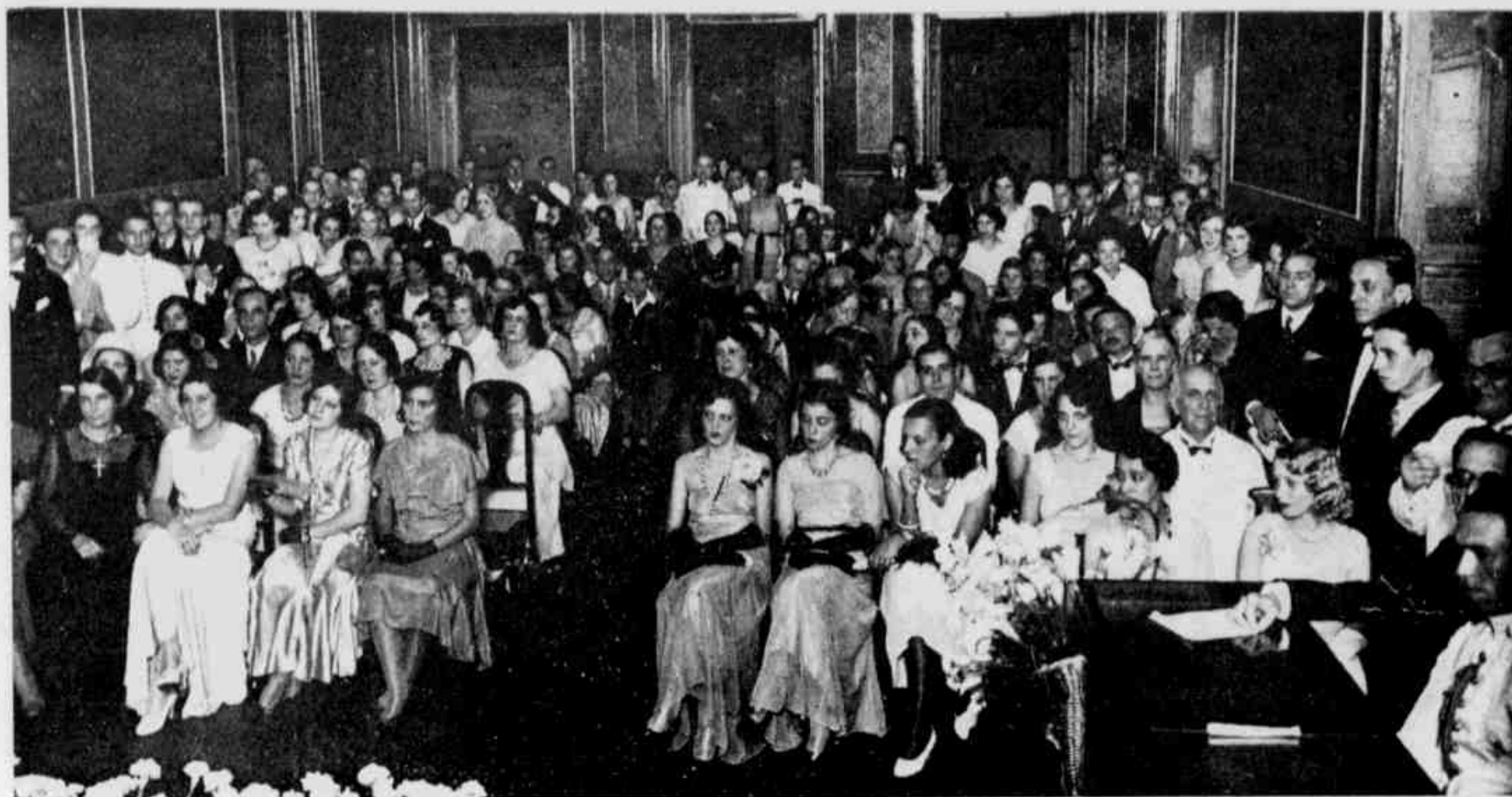
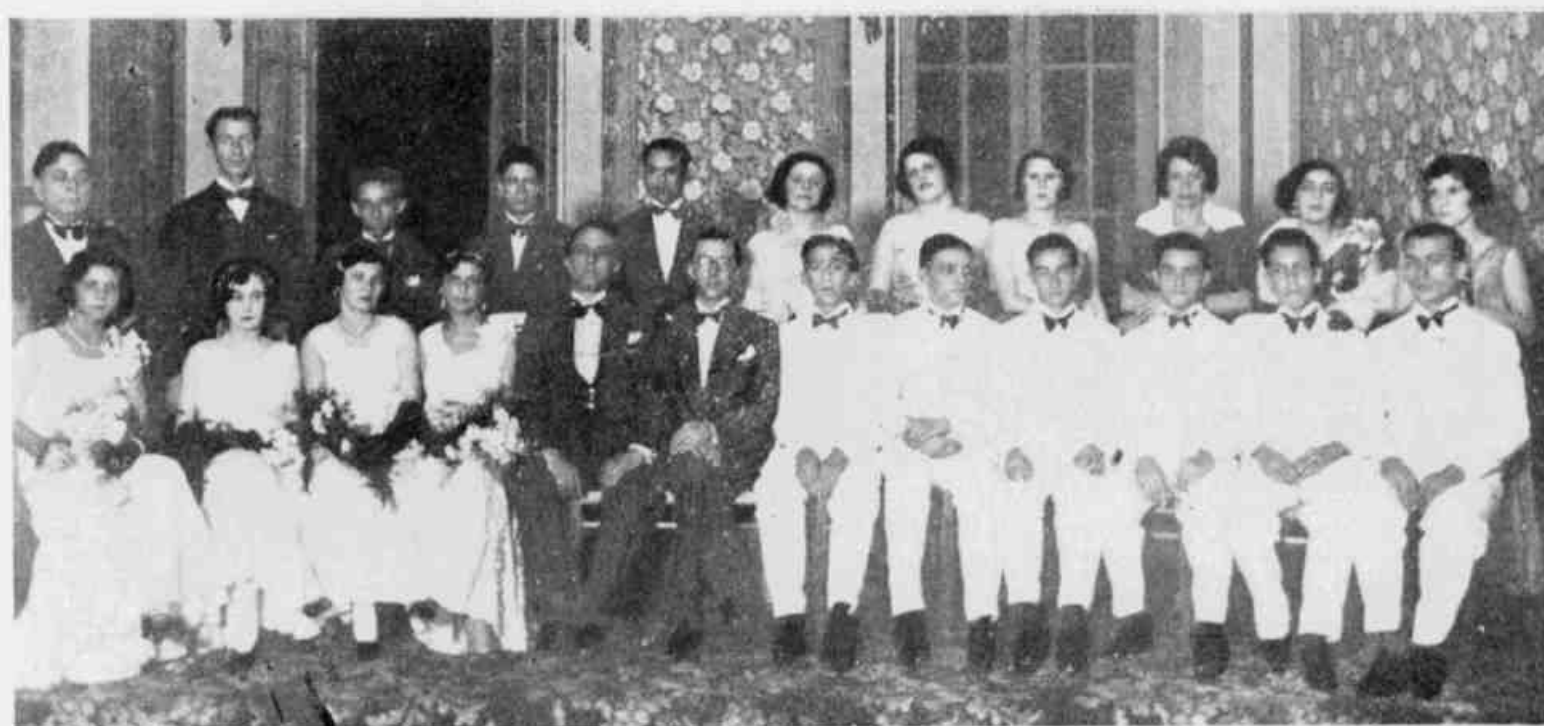
— Isto é comigo...

Mas não era. Naquelle tempo o doutor Oswaldo Aranha desconhecia quem fosse o responsavel pela segurança publica de Pernambuco. Logo que o soube tratou de mudar de Ministerio.

Mas o homem conservou a lembrança da phrase. E agora, como por lá passassem algumas idéas encarnadas numa mulher, elle tirou a sua desforra.

Está certo.

A Companhia Adelina-Aura Abranches vae realisar uma temporada de comedia brasileira no Theatro Casino que começou hontem, 20 do corrente. A estréa foi com a peça "Saudade", de Paulo de Magalhães, que se vê ladeado na gravura pelas duas grandes artistas portuguezas.

NICTHEROY

Festa do Calouro na Faculdade de Direito do Estado do Rio. Em baixo: os novos Contadores da Academia Fluminense de Commercio.

Cruzeiro Turistico Interestadual

O cruzeiro que o Touring Club do Brasil está organisando, Rio Grande-Manáos-Rio Grande, com o fim de mostrar o Brasil aos brasileiros, tem tido o apoio de todos os patriotas. O "Almirante Jaceguay", navio em que se realisará a excursão, deverá estar no Rio no principio de Junho, de onde partirá para os portos do Norte. A gravura mostra uma reunião do comité de imprensa do Touring Club.

NO PAIZ DA MAGIA NEGRA E DOS ANTHROPOPHAGOS

A princeza Maria Bonaparte, membro da Sociedade de psychanalyse de Paris, enviou á Australia uma missão de sabios. O fim dessa viagem foi o estudo sobre o ponto de vista ethnico e psychologico das tribus primitivas da Australia.

A missão, chefiada por Roheim, prepara um importante trabalho sobre os habitos daquelles povos selvagens.

Podemos conhecer desde já algumas impressões de Roheim atravez de uma entrevista que concedeu, ha pouco, ao *Magyar Hirlap*, de Budapest:

Em busca dos segredos da magia negra — Comecei as minhas primeiras buscas em 1929 junto das tribus primitivas da Australia Central. No principio, encontrei muita difficuldade em me pôr em contacto com a gente daquellas regiões. Tive principalmente muito trabalho para obter informações sobre o assumpto que mais me interessava: a magia negra.

Aliás era muito natural a reserva nesse ponto, pois as autoridades inglezas, sob a pressão dos seus missionarios, prohibem systematicamente todas as manifestações, mesmo as mais innocentes, de magia negra. A maior resistencia vinha das mulheres, pois os homens, mais faladores, terminavam sempre por soltar a lingua, diante de alguns shillings. Depois de longas peripecias, consegui emfim muitos volumes de notas concernentes á feitiçaria das tribus australianas.

A vida amorosa dos selvagens — A maior parte do tempo permanecemos na tribu Aranda, uma das mais primitivas do mundo. *Aquella gente ignora, por exemplo, que descendemos dos paes.* Crêm que a criança é a reincarnação de um ancestral materno. A vida amorosa delles apresenta aspectos extremamente curiosos. O casamento póde ser contractado de duas formas. Ou o homem, depois de fazer a côrte á sua eleita, obtem della a promessa de que *ella lhe dará para esposa a sua primeira filha*, e quando a criança vem ao mundo, elle a carrega e a desposa; ou então, sem duvida este é um meio muito mais pratico, embora menos galante, a conquista da mulher se faz pela força.

A polygamia — A polygamia é coisa corrente naquella tribu. Depois de alguns annos de vida conjugal, o homem introduz em casa uma segunda esposa. A primeira se precipita então sobre a rival e esbordoa-a. Esse incidente não tem aliás consequencias muito graves, pois as duas mulheres terminam sempre por se reconciliar e tornam-se mesmo, por fim, as melhores amigas do mundo e as alliadas mais fortes quando se trata de organisar um caloroso acolhimento para a terceira esposa.

A gente mais primitiva do mundo — Uma das tribus mais curiosas da Australia é a dos *Louritias*, cujo nivel de civilisação parece o mais baixo, si concordarmos que os caracteristicos do homem civilisado são o respeito á propriedade privada, a faculdade de contar, a inquietude de espirito e a necessidade de se lavar. Com effeito, os Louritias ignoram todas essas noções. Lavar-se é para elles uma coisa tão desconhecida que a lingua não possue uma palavra para exprimir esse acto.

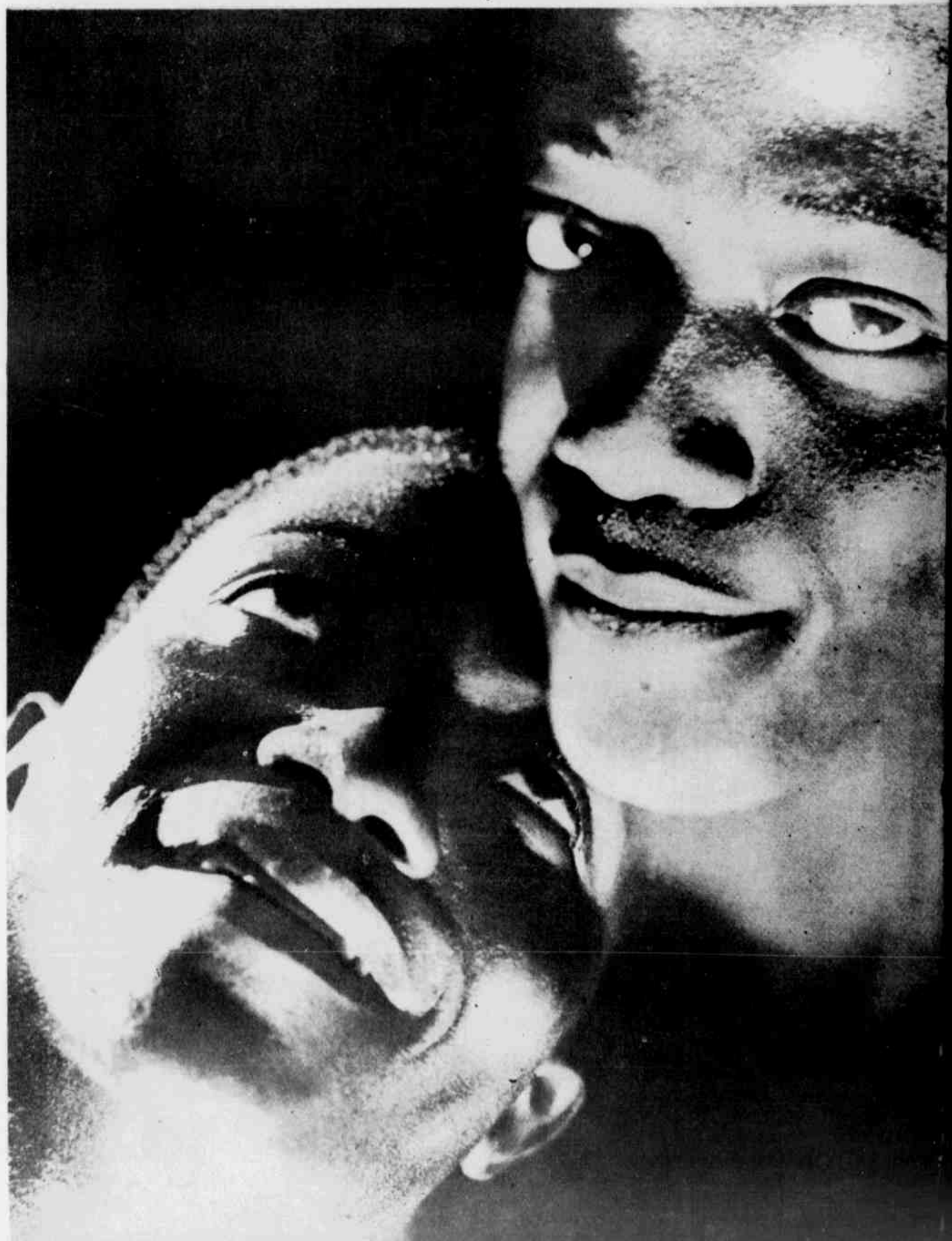
A moral delles condemna o incesto — Coisa extranha: entre aquelles selvagens o incesto é rigorosamente interdicto por leis religiosas complicadissimas. Essas leis vão ao ponto de prohibir uniões entre membros da mesma familia, embora o grão de parentesco seja muito afastado. Assim, sobre oito mulheres um homem só póde, em media, se casar com uma, as sete restantes são *tabou*.

De uma fórma geral, a vida amorosa dos selvagens é perfeitamente sã.

Cannibalismo familiar — O senso da familia já está muito desenvolvido e, si fizermos abstracção de um costume ancestral que manda que cada segundo filho sirva de repasto aos autores dos seus dias, os Louritias pódem ser considerados como paes exemplares.

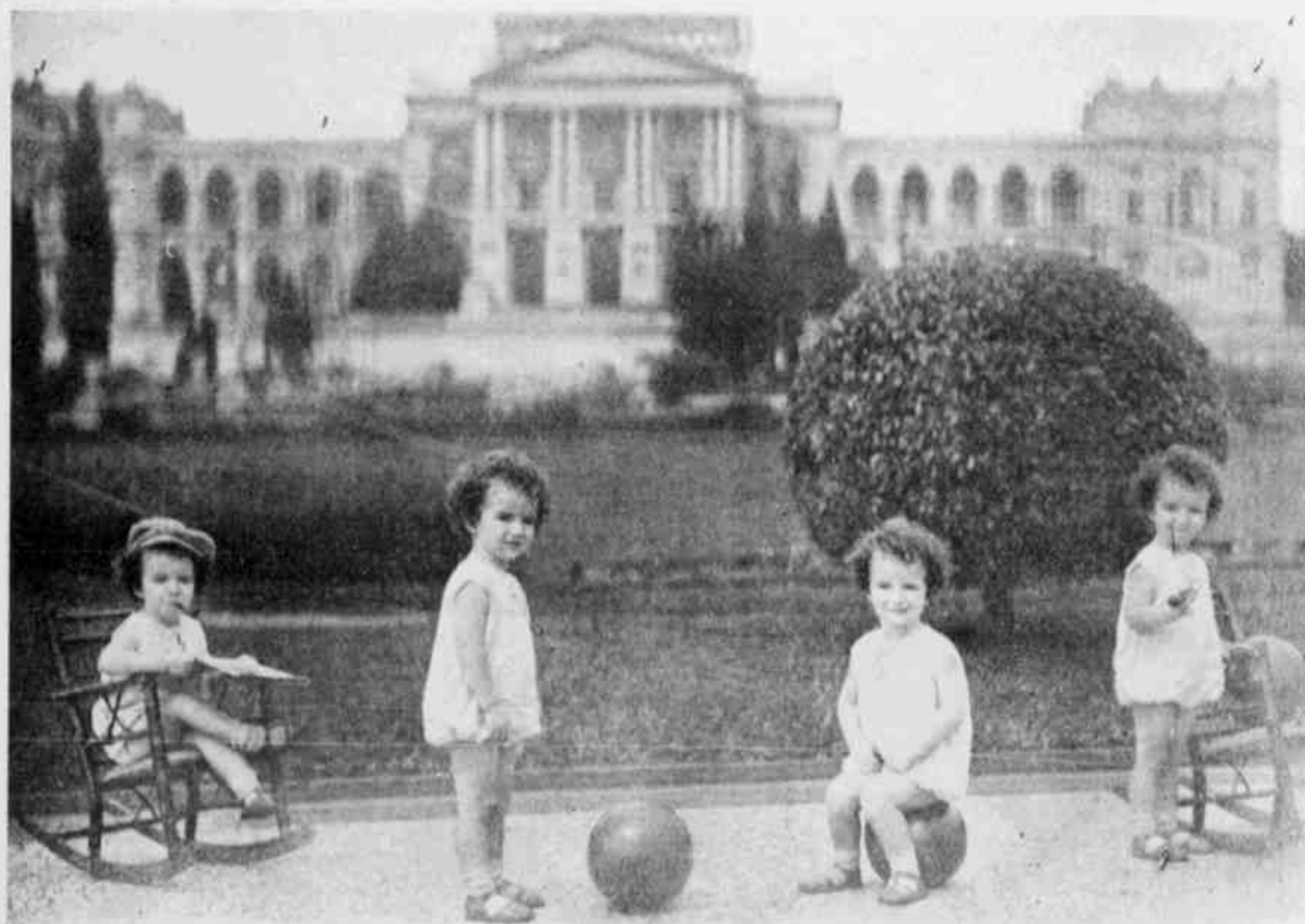
De resto, os Louritias não são os unicos antropophagos entre os Paponas. No anno passado estivemos longos mezes na ilha Normanby, cujos habitantes são antropophagos convencidos. E' bastante falar-lhe em carne humana para que os rostos se illuminem. Estalam a lingua e exclamam alegremente: "Como é bom!"

Um costume consagrado manda que sacrifiquem aquelles que se distinguem seja pela riqueza, seja pela bellezza, seja pelo talento. Pouco antes de chegarmos á ilha tinham comido um adolescente dotado de uma magnifica voz.

Um remedio supremo contra a molestia — A nossa expedição foi fertil em incidentes de toda especie, mas eu exageraria si dissesse que tinhamos corrido graves perigos entre os selvagens. Elles nos consideravam como enviados pelo governo e nos rodeavam de um profundo respeito. E por isso, um dia, uma commissão me procurou para me solicitar licença para sepultar um congenere. Quando perguntei si o homem estava bem morto, elles me responderam: "Ainda não, mas está atacado de um mal incuravel e nós costumamos enterrar vivos os que soffrem de males incuraveis. O pobre pede, aos gritos, que o enterrem, pois já está cançado de estar doente".

A gente já foi assim...

José Raymundo, filho do casal Francisco Barcellos (Rio)

Maria do Carmo, filha do casal Raul Moreira (Porto Alegre)

Olive e Kenneth, filhos do casal J. E. Huntch (S. Paulo)

Gilbertinho filho do casal Alberto Cerri. (S. Paulo)

O papae delle é o notavel artista photographo que tem mandado tanta creatura bonita para "Para todos..." e o tirou em quatro poses differentes.

Tres poemas de Sergio Milliet

MARSELHA

De costas para a maquina
a paisagem aparece de repente
numa surpresa sempre renovada.

A paisagem é uma saudade
que escorrega pelo horizonte
longe
pequenina
cada vez mais longe,
até se esvair completamente.

Por vezes ela cái
brusca
atráz da colina.
Então a gente pensa que deixou de gosar
[um pormenor
ha pouco insignificante e que parece agora
[prenhe de interesse...

E vem aquela mágua suave
que aperta a garganta
e dá uma sensação amargo-doce de saliva.

O mundo é lindo!

JOGO

Musculos estilingue
Pedra bola
rebola a bola
você diz que dá na bola
mas na bola você não dá
15 - 0
Saque á vista
30 - 0
Aeroplano em folha morta
Sincope
Espasmo
Black Bottons no vacuo
40 - 0
Viu a bola que resvalou num assovio vio?

Drive driva drova druva
e a cacetada final
Jogo.

EU

Você está muito enganado

E' verdade que eu vou ás vezes ao cabaré
que bebo bem e cômo melhor
que gosto de jogar
que a volupia quente de certa bôca
me traz prazer e alegria...

E' verdade que eu dou demasiada impor-
[tancia
a essa vida material
que você condena
Tenho automovel
Vou ao cinema
Leio livros imorais

Tenho gana de infringir todos os manda-
[mentos...

Mas no fundo meu Deus
eu sou familia.

O maior poeta nascido neste seculo

Figueiredo Pimentel

Sobre a rocha da angustia, o artista ergue os seus hymnos:
"Dôr divina! O esplendor dos teus braços divinos
E' o beijo que fecunda a terra anciosa e accesa.
Terra negra onde brota a arvore da Belleza,
Prendendo o coração triste dos sonhadores
Nas raizes, e erguendo a ramagem dos versos.
Dôr divina! Jamais deixes de, aos sóes adversos,
Proteger-me. Jamais me negues a amargura...
Jamais me negues o teu beijo... A morte escura
Dá mais vivo esplendor aos astros solitarios.

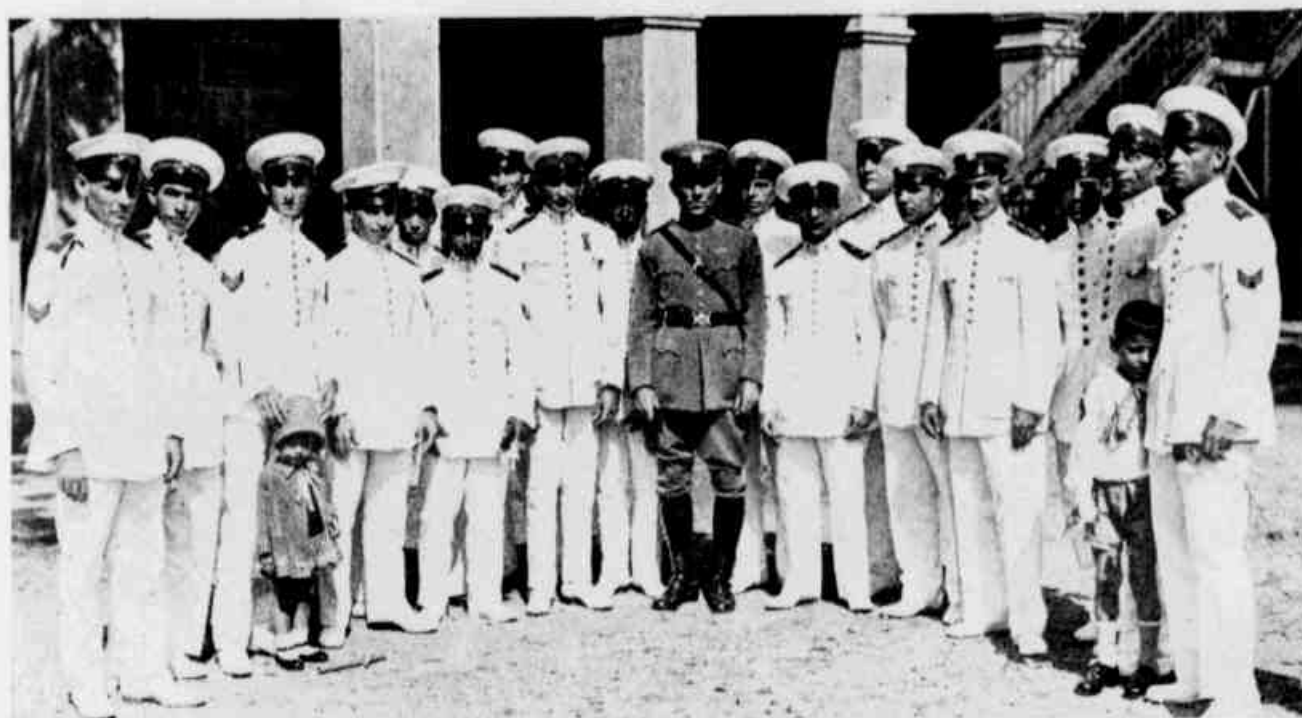
Estes versos magnificos são do maior poeta nascido neste seculo, Moacyr de Almeida — "o poeta maldicto" como elle proprio se chamava — era um torturado; soffreu as maiores agruras durante os 23 annos que passou sobre a terra, amando a Arte com a paixão barbara e a abnegação humilde: Arte divina, vida da minha vida, sangue do meu sangue". Moacyr morreu sem conseguir realizar o seu grande desejo de publicar o seu livro de versos. Após a sua morte Procopio Ferreira que era grande amigo e admirador do joven poeta publicou "Gritos barbaros" esse maravilhoso feixe de versos primorosos.

Além das producções desse livro Moacyr deixou grande quantidade de trabalhos em verso e em prosa.

Neste momento de intenso movimento em pról do resurgimento da consciencia brasileira, é de premente urgencia, é dever sagrado dos cultos brasileiros, promover, por todos os meios, a publicação dos trabalhos artisticos desse grande poeta cuja vitalidade authentica impressiona e encanta. A millionaria Academia de Letras se quizesse fazer um grande beneficio ás letras nacionaes bem poderia editar as obras desse maravilhoso poeta, desse artista genial que nasceu a 22 de Abril de 1902 e morreu a 30 de Abril de 1925.

Desenho de Alvarus

Officiaes do 1.º Batalhão

O Anniversario da Policia Militar

Os diplomados da Brigada Policial
Em baixo:
Ministro Francisco Campos, Coronel Lucio Esteves e officiaes assistindo á leitura da Ordem do Dia.

ENTRE OS LIVROS

CARTAZ

Na galeria dos homens celebres deve haver um lugar para os jovens que fundaram essa "Academia Carioca de Lettras". Aliás ella bem podia se chamar, modestamente, "Gremio Recreativo dos Jasmins Fanados da Litteratice Brasilica". A meu vêr essa denominação seria mais verdadeira e mais honesta — "Gremio Recreativo", isto é, lugar onde se praticam diversões e brincadeiras mais ou menos permittidas... "Dos Jasmins", porque essas florinhas suburbanas são de uma adoravel insignificancia... Reconheço, no emtanto, que um jasmin senhor do seu nariz, nunca faria parte da tal Academia. Questão de pudôr. Por isso escolhi o jasmin "fanado" (maneira poetica de dizer murcho), o jasmin declamador, talvez, de olhos mortos em busca do infinito distante, cada vez mais distante, por instincto de defeza... Ora, eu não preciso explicar a differença entre "litteratice" e Litteratura. E confesso que o termo "Brasilica" me pareceu muito de accordo com aquellas "mui illustres e doutas senhorios"...

Está ahi.

Mas não era propriamente a justificação do nome do "Gremio Recreativo dos Jasmins Fanados da Litteratice Brasilica", (éta, coisa pomposa!), o que eu queria fazer. Isso foi um desvio gostozo. Eu desejava era accentuar o direito indiscutivel á celebridade que elles, os jasmins fanados, têm. São rapazes muito trabalhadores. Alguns fazem versos. Outros collecionam as mimosas caspas que "dolentemente tombam"... Outros mettem o dedo no nariz, procurando a fugitiva inspiração. E ha os que são philosophos de philosophias desconhecidas, e os que são professores apesar de tudo, e os "reporters" de policia que perpretam contos corajosos, e os que, nada sendo, se satisfazem com a grande gloria de se sentarem na mesma mesa dos immortaes, entre a poetiza delirante e o senhor de cabelleira pouco asseiada. Sacerdotal ou não...

E' assim a Academia Carioca de Lettras. E' tudo isso a Academia Carioca de Lettras. No emtanto, ella permanece ainda obscura. Mas os immirtaes não descansam. Hão de fazel-a conhecida. A policia não tem força pra impedir essas coisas. E os rapazes são tão bravos que arrajanram para o Gremio uma séde em frente ao Passeio Publico. Bravos e sinceros. Porque aquelles canteiros verdes são o cartaz mais explicativo que elles poderiam arranjar...

D. C.

AS AVENTURAS DE JULIO JURENITO — *Elias Ehrenbourg* — Civilização Brasileira Editora.

Este livro é de interesse muito grande porque vem revelar aos brasileiros um escriptor russo contemporaneo, escriptor novo, forte, interessantissimo. Todos nós conhecemos a Russia litteraria que vem nos livros de Gogol, Dostoiewsky, Tourgueneff, e mais alguns que ficaram como seus representantes na litteratura. Elles estão, no emtanto, muito recuados no tempo. São escriptores que não nos podem dar mais a suggestão das coisas russas, tão transformadas, tão revolucionadas neste começo de seculo.

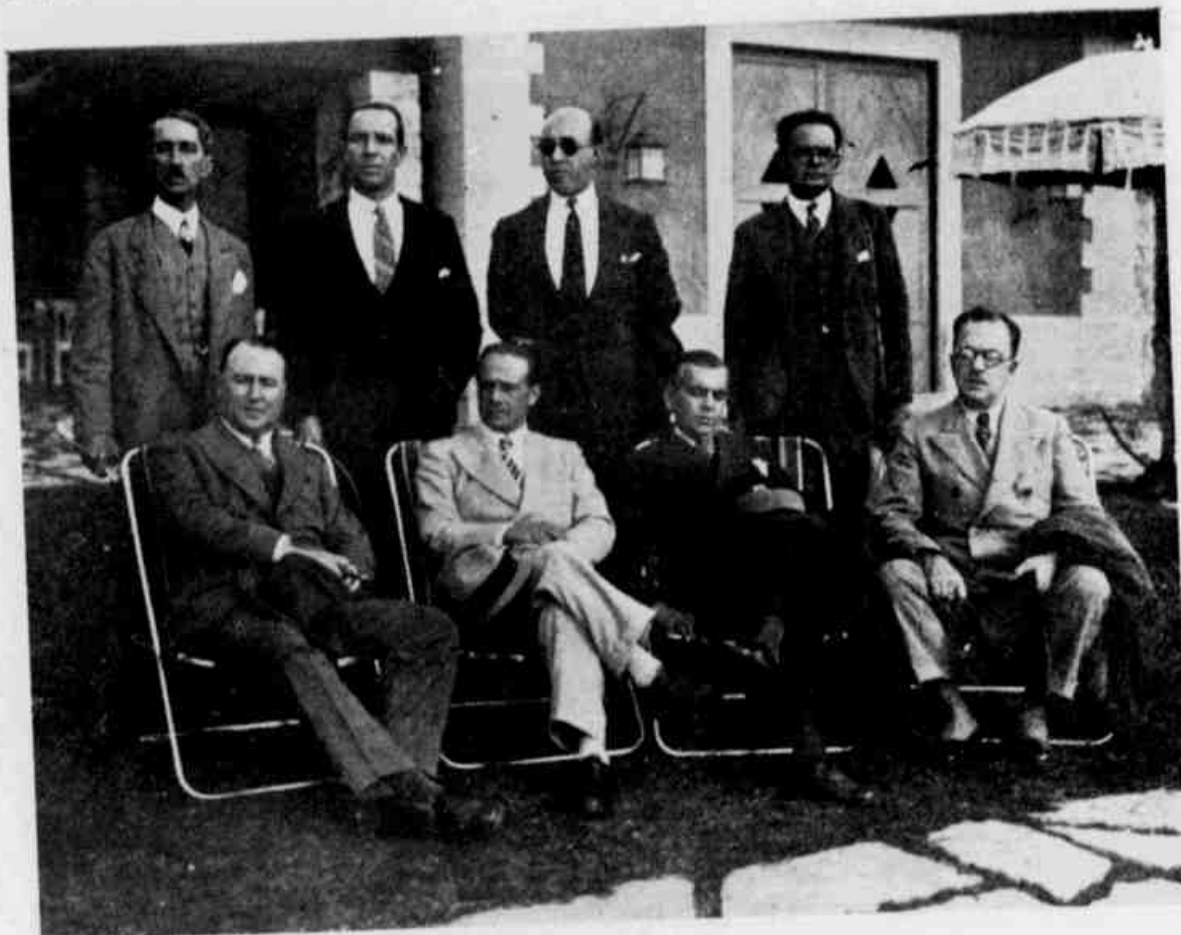
Outros valores surgiram por lá, completamente desconhecidos para nós. Illya Ehrenbourg, um delles. Esse narrador facil, observador agudo e vivo, commentador diabolicamente ironico. Ahi outro motivo de successo: nós não estamos habituados á ironia e ao humorismo na litteratura slava, cujo grande motivo foi sempre a dôr, a miseria, a desgraça, mostradas cruamente.

Julio Jurenito, personagem symbolico deste livro, traduz a inquietude do "apósguerra". Elle é habil, mordaz, não vê limitações á sua vontade, e parece que leu Machiavel... Seus discipulos cada um representando um povo que foi parte no crime de 914, são differentes, quasi irreconciliaveis, mas elle consegue disciplinal-os com o seu espirito que tudo analysa.

Erhenbourg traça, aqui, o caracter dos principaes comparsas da guerra. E o faz com o sarcasmo de quem descobrio, decepcionado, que o interesse era o unico lastro dos discursos patrioticos e da gravidade sem respeito dos "meetings" burguezes...

"As Aventuras de Julio Jurenito" formam um livro cuja leitura se recommenda. Tanto pelas idéas moças que ventila, como pela fórma sorridente com que destróe as velhas idéas que passaram...

A traducção de Mario Rosalvo, pseudonymo de Walter Garcia, é outro motivo de agrado.

Dante Costa

NO DIA DO AUTOMOVEL

A directoria do Automovel Club do Brasil proporcionou ao seu Comité de Imprensa uma excursão deliciosa a Therezopolis, onde o dr. Carlos Guinle offereceu um almoço na maravilhosa Granja Cumary. Na photographia, vê-se o dr. Guinle cercado dos seus companheiros de directoria.

Em baixo: na installação do Comité de Imprensa do Automovel Club do Brasil.

"Morrer é um prazer"

Noticiando o suicidio de uma joven ingleza, empregada em Marylebone, Miss Elionor Milton, o *Daily Telegraph*, de Londres, publica alguns trechos curiosissimos de uma carta deixada por ella:

"Morrer é um prazer, é um prazer pensar que dentro de algumas horas não teremos mais necessidade de comer, de dormir, de rir, nem mesmo de resmungar. Pergunto a mim mesma porque continuamos vivendo quando é tão facil morrer!"

E continúa: "Si todas as creaturas inuteis que povoam o mundo se matassem, só restariam os que servem para alguma coisa. Oh horror! Não perdi o senso do humor. Executo neste momento o mais bello acto da minha vida; um acto talvez grotesco mas pathetico. Seria mais interessante si eu pudesse ter uma morte escandalosa: afogar-me, por exemplo, ou me suicidar nos braços do meu amante. Mas o unico suicidio possivel para mim é a asphixia pelo gaz no meu appartamento mobiliado de Londres... Não é com effeito grotesco e pathetico?"

"Gostaria de morrer muito rica, para que falassem em mim, e fazer da minha fortuna os legados mais imprevistos; mas si eu fosse rica não teria sem duvida vontade de me matar; é a pobreza que é deprimente e mesmo um pouco aviltante."

"Si eu fosse rica, encarregaria qualquer pessoa de me matar sem soffrimento."

"Só tenho um motivo para me suicidar tão mediocremente: é que neste momento sinto bastante coragem para o fazer."

A mãe da extranha suicida disse que a filha gosava magnifica saude e não tinha preoccupações financeiras. Ganhava a vida, e os paes ainda lhe enviavam dinheiro, e não ha razões para crer que tivesse desgostos amorosos.

A proprietaria do predio de appartamentos em que vivia Miss Milton para entrar no quarto da inquilina teve que pular uma janella pois a porta estava fechada á chave. Encontrou

Miss Milton vestida com um pyjama, estendida no chão junto da chaminé e com o rosto coberto por uma mascara sob a qual introduzira o cano do gaz. Todas as pesquizas officiaes chegaram a conclusão de se tratar de um suicidio sem explicação precisa... mas, pela carta extraordinaria que citamos a justiça declarou que a moça era uma desequilibrada, que não estava de posse de todas as suas faculdades...

Modas

A silhueta feminina se modificou totalmente nestes ultimos mezes, tomando a fórma graciosissima de uma flôr desabrochada no alto da sua haste. (Bonito!!!) Esse effeito é conseguido com a ampliação dos corpos por meio de mangas complicadissimas, pequenas capas, hombreiras, etc., emquanto que as saias se mostram rectas, lisas, simples. As cinturas treparam delirantemente e, quando o cinto apparece no logar normal, a saia enlouquece e sóbe até o meio do corpo para dar a illusão de que a moda exige.

As lãs e os jerceys rendilhados gosam de um prestigio collossal. Basta dizer que Louiseboulanger exhibiu entre os modelos da sua nova collecção dois sensacionaes vestidos em fina lã branca.

Estão nesta pagina tres modelos lindos: o primeiro, para os dias de chuva, é em pellica marron; o segundo, em lã azul rei; o terceiro, em lã preta, muito simples, acompanhado de um bolero em lã verde, fechado por dois grandes botões e uma echarpe em faille verde e preto.

O Leão e a gallinha

E' uma aventura domestica que acaba de acontecer a Hagenbeck, o maior "collecionador de féras" do mundo.

Hagenbeck e a senhora Hagenbeck questionavam conscientemente por causa de um almoço fracassado. Todo o diccionario de termos injuriosos tinha sido exgottado pelos dois esposos enraivecidos; quando, de repente, sem a minima transição a senhora Hagenbeck se precipitou sobre o marido para esbofeteal-o.

Hagenbeck que é de natural pacato, procurou se salvar fugindo. Mas a senhora Hagenbeck, irritada, correu atráz delle, e o pobre homem para escapar de tão dura humilhação só viu um meio: refugiou-se na gaiola onde sessenta e cinco leões vagavam entregues ás suas occupações communs.

Então, do lado de fóra, a esposa triumphante gritou-lhe: "Covarde! não ousas sair dahi!"

De Mark Twain

O pequeno Mark Twain, que não primava pelo amor aos estudos, disse um dia ao pae, ao chegar da escola:

— Papae, papae... Dai-me uma moeda. Fui o unico da classe que respondeu, hoje, a uma pergunta do professor.

Mas, o que foi que disse o professor? indagou o pae.

— Que aquelles que não soubessem a lição, deviam levantar a mão!

O pae cedeu...

Nossa nutrição

AUGUSTA SOARES MONTEIRO

Regimens — Quando este assumpto baila na bocca de um de seus fanaticos, o remedio mais efficaz, é correr e calar; ou esperar com paciencia que mudem a conversa. Não ha nada tão discutido e em que as opiniões variem tanto, como sobre o regimen alimentar; nem mesmo guerra e religião, que até agora eram as conversas preferidas para as divergencias. Precisamos comer para viver, e não devemos olvidar que a primeira lei da natureza é a auto-conservação. A variedade dos regimens é infinita, desde o regimen miraculoso que serve para curar e mesmo prevenir certas doenças, até aquelle que tem um determinado fim. Vão do completo jejum até o maximo da capacidade alimentar, com a chamada super-alimentação.

Esses regimens incluem desde a abstenção da carne, até o regimen só de carne; desde o uso só de fructas, até a prohibição de todas as fructas. Existem os que aconselham caldos de legumes e os que não admittem os legumes e verduras. Desse modo, muitas pessoas com bôa saude e que sempre se alimentaram seguindo um regimen mixto e bem orientado, estragam sua saude com experiencias dieteticas, uma vez convertidas ao credo do regimen por algum fanatico especialista.

Desde que uma pessoa começa a se impressionar com o numero de calorias, está sentenciada a ter uma existencia mathematica e as suas refeições convertem-se em operações de pura arithmetica. E' melhor aconselhar uma colherinha de bicarbonato em meio copo d'agua, ou outro alcalino a quem tem uma digestão difficil ou uma perturbação gastrica do que impressional-o com a palavra "ácidos". Cada um de nós sabe o estado do seu estomago e póde, por experiencia, julgar o que mais lhe convém, muito embóra não pensem assim os fanaticos da doutrina dietetica.

Torta italiana (Modeneza) — Rale 2 cócos e tire o leite com uma chicara de agua quente. Junte 12 gemmas ao leite, assucar á vontade, mas não muito, e leve ao fogo, mexendo, até despegar com facilidade do fundo do tacho. Desmanche no fogo 4 folhas de gelatina em menos agua possivel, tendo antes humedecido ligeiramente, côe e junte ao creme. Depois despeje tudo em um prato fundo bem untado de manteiga e guarde. Deite de molho em 3 chicaras de agua, um kilo de ameixas pretas, depois leve-as a cosinhar na propria agua e passe tudo pela peneira. Junte meio kilo de assucar e leve de novo ao fogo até apparecer o fundo do tacho. Desmanche tambem 4 folhas de gelatina em um pouco d'agua, junte as ameixas e deite tudo num prato fundo bem untado de manteiga e guarde. Tome 500 grs. de nozes, sem casca, e passe pela machina. Faça uma calda com 400 grs. de assucar em ponto de pasta, junte uma colher de chá de manteiga, 10 ovos, sendo as claras em neve e leve ao fogo até apparecer o fundo do tacho. Despeje tudo em prato fundo untado de manteiga. Quando as tres especies estiverem bem frias, tome um prato redondo grande e despeje dentro as ameixas, emborcando o prato fundo e endireitando bem com uma faca. Cubra então, as ameixas com o creme de nozes e por ultimo o creme de côco. Alize tudo com uma faca e deixe repousar, sendo melhor na geladeira. Tome 2 chicaras de agua e 2 de assucar e leve ao fogo sem mexer. Quando formar uma calda grossa despeje quente 2 claras em neve; ponha uma pitada de vanilina e uma colher de chá de fermento inglez. Misture bem, deixe repouzar um pouco para então cobrir o doce todo e com elegancia enfeitar com pedaços de nozes, fazendo flôres no centro, uma guirlanda de tiras de ameixas em volta, e outra de tirinhas de côco mais para dentro.

Deixe-a seccar um pouco ao ar. Sirva-se.

A TCHAIKHANA DO LIABI-HAOUSS

(CONTINUAÇÃO)

— Sim. Vamos dormir! disse o russo. O djiguite tendo acabado o cigarro, apagou-o e o atirou no corredor.

E' muito tarde; os visitantes são cada vez mais raros; o patrão foi-se deitar depois de verificar o numero das chicaras e dos bules. A russa tirou as cinzas do samovar, varreu o chão, e foi tambem dormir. A tchaikhana está juncada de corpos adormecidos. Apenas a entrada continua livre. O negociante arrumou as uvas numa cesta, a sua silhueta ossuda desappareceu num canto. Um policial enfadado entra na tchaikhana e dirige a palavra ao turco. Descobrem conhecimentos communs e entram em palestra. O hindú dorme enroscado como os macacos do seu paiz.

O russo se descalçou com prazer, e está estendido de costas, mãos sob a nuca, olhando para o alto. Na calçada opposta os negociantes fecham as casas. O relojoeiro, o açougueiro, o fructeiro, vão, um atraz do outro, como se fizessem parte de uma procissão. Vêm-se passar os ultimos transeuntes. Bebados pedem chá. Ninguem lhes responde. Um fumador de narcotico passa tropego, rosto desesperado, perseguido por visões.

— Eu procuro o boi, grita para a direita e para a esquerda. Eu procuro o boi.

— O boi está mais longe, replica o soldado.

Pouco a pouco o russo adormece. Já está entre quadros, questionarios, entrevistas, narrativas... qualquer coisa macia cae do alto. Elle abre os olhos.

Diante delle apparece um grande gato de um preto azulado. Acaba de sahir do esconderijo e começa a existencia nocturna. Percorre os corpos adormecidos, dobrando os joelhos como um dansarino e mergulhando como um peixe; toca nos corpos com a pata e cheira-os. Depois se sente em frente do monte de chicaras, ronronando. Conta as chicaras. De duzia em duzia, remexe a cauda. As chicaras estão completas.

Dois cães, descarnados, enlameados, sonhadores, entram na sala em busca de restos. As cabeças calvas se enterram nos tapetes. Com um pulo o gato se põe diante delles. Enxota-os para a porta arranhando-os. Salta sobre a espinha de um delles e rasga silenciosamente o couro magro com as unhas impiedosas. O cão uiva e se precipita para a rua com as orelhas caidas.

O gato se senta de novo, e se entrega á toilette. O calor não produz nenhum effeito sobre elle. Contempla as criaturas adormecidas, todas dormem. Não, todas não. O russo não está completamente adormecido. O djiguite finge que dorme, é evidente; quanto ao "tchairiker", num canto, está inteiramente desperto. E' a desordem, sim a desordem.

O "tchairiker" repousa, olhos abertos, e a memoria lhe offerece imagens monstruosas. "Tu te saciarás com uma agua fervendo", lhe diz uma vóz desconhecida e ameaçadora. Elle se encolhe como agarrado por tenazes; o ar pesado respira o desespero; o "tchairiker" vê atravéz das ruas, uma estranha chamma azul na machina de homem rodeado de dentes; vê o seu amor que passa coberto por um véo, que elle, demente, arranca para se encontrar diante de um rosto desconhecido, crispado pelo medo. Ergue-se gemendo. Ninguem se mexe. Torna a se atirar sobre o tapete. A duvida começa a lhe pesar como cadeias, range os dentes. O amigo o enganou, vendeu a filha por uma fortuna, carregou-lhe o dinheiro, o futuro, deixou-se comprar pelos russos. Os russos — os djadids. Elle mesmo alli está no meio desses homens; os soldados guardam todas as portas da cidade; um djadid dorme bem perto delle. Como conseguiram tanto poder? Contam que o commissario veio á casa do proprio Sultan-Ichan e que o proprio Sultan-Ichan se pôz a chorar, atirou a carabina aos pés do russo, e todos os basmatchs igualmente cahiram no pranto e abandonaram as armas. Como conseguiram tanto poder? São silenciosos, têm o rosto vermelho como carne mal cosida; são grandes e moles como vaccas.. Eis um homem de papeis estendido ao lado... Elles todos passeiam com armas ou com papeis... Impossivel fugir-lhes. Ou a amizade ou a morte. Elle, "tchairiker", escolhe... ondas de calor, rolam-lhe na cabeça. Está fatigado, póde ser mesmo que tenha chorado hoje... a amizade ou a morte. Adormece.

A cidade dorme. A lua se esconde, depois vem a aurora cinzenta e melancolica. Um burro rincha assoprando, os cães o accompanham, uivando. O gato sóbe para o tecto. O tecto apresenta um amontoado de latas, de taboas, de cavacos, de moveis velhos. Atravéz dos buracos vê-se o céo. O tecto dorme. Ouve-se resoar, ao longe, um tiro.

O "tchairiker" jaz no fundo de um abysmo de somno. Um morcego roça-lhe na testa. Uma frescura apenas perceptivel penetra a atmosphera.

O "tchairiker" abre os olhos: um homem está de pé diante delle mostrando os dentes.

O djiguite do russo saccode as roupas do "tchairiker".

— Basmatch, diz elle em vóz baixa, bem baixa. A passagem de Ak-Rabat, basmatch. A passagem de Ak-Rabat.

O "tchairiker" revê a caravana cahida no fracasso do assalto, o tumulto, os cavallos assustados, em pé, nas patas trazeiras, a multidão de gente roubada.

— Tomaste a minha mulher, diz o djiguite sempre em vóz baixa, siga-me.

O "tchairiker" ergue-se como um lunatico. As almas vão ao paraiso de Mahomet caminhando sobre o fio de uma navalha. O "tchairiker" sente que acaba de cahir na lama. Segue quasi sem abrir os olhos.

"Muito tempo decorreu sobre a cabeça do homem até o momento em que se lembraram delle", diz o livro.

Atraz do enorme samovar prateado, frio na penumbra matinal, se abre um estreito corredor cheio de bugigangas. As paredes de cal não offerecem nenhuma sahida. O djiguite está com o corpo esquentado como o de um homem que dormiu, entretanto não fechou os olhos. Adivinhou a presença do inimigo. A sua terrivel memoria que distingue um pardal entre outros não o trahiu. Tira a faca da cintura e examina-lhe o fio. A linha branca da faca é o unico traço frio no pateo. O russo acorda ouvindo o gato saltar do tecto, por um buraco, sobre o tapete visinho. O animal se assenta sobre as patas trazeiras e olha em torno se balançando. Tudo está calmo. Não, tudo não. O russo vê o djiguite se approximar do desconhecido com quem viajára no mesmo carro, trocar com elle um cochicho e partir levando-o, partir, mas como!

Os rostos dos dois noctambulos nada têm de humano. O russo tem já uma certa experiencia dessas coisas. Elle deixa lentamente o seu tapete e, vestido apenas com as roupas internas, segue os indigenas.

No meio do pateo estreito o djiguite afia a faca. Dispõe de tempo, tempo não lhe faltará. Não é toda a manhã que se póde matar um inimigo.

— "Tokhta"! exclama o russo. Alto! "Tohkta"!

O djiguite levanta os olhos que não vêm nada. O russo se põe diante do "tchairiker".

— Alto! diz elle. Não permittirei que degoles este homem.

— Basmatch! grita o djiguite, basmatch! Reconheci-o. Tirei a minha faca, saia da frente!

— Djiguite, diz o russo. (Elle está apenas com a sua roupa branca mas não está ridiculo.) Não quero que te prendam. Não te esqueças que devemos partir ás nove horas. Os cavallos estarão preparados ás nove horas. Temos que trabalhar! O diabo que te carregue! Que todos os basmatchs se arrumem. Vou gritar, vae apparecer gente. Existe a lei sovietica. Conheces a lei sovietica?

— Não ha lei sovietica, grita o djiguite; ha a minha lei.

Torna-se vermelho como se tivesse bebido agua fervendo.

— A tua lei não existe, diz tranquillamente o russo. Guarda a tua faca.

Assobia o mais forte que póde. O "tchairiker" continua encostado ao muro. Tudo lhe é igual. Um soldado somnolento entra no pateo. Atraz delle vêm dois, tres homens que despertaram por accaso, e o guarda da noite.

O djiguite diz indicando o "tchairiker":

— Basmatch, alma de cão, basmatch, ladrão, lama; e accrescenta uma blasphemia em russo.

Levam o "tchairiker". O djiguite segue atraz do prisioneiro cuspindo-lhe nas costas.

A noite terminou. Raios de luz rosada passam atráz das aberturas do tecto. O patrão ferveu o primeiro samovar. O vapor sae pelas orelhas do monstro. A mulher russa varre o chão.

O hindú chama-o á parte passando silenciosamente a mão pela testa. Rodas e traços marcam a superficie parada do Liabi-Haouss. Os carregadores de agua chegam para renovar as provisões, uma

A TCHAIKHANA DO LIABI-HAOUSS

(CONCLUSÃO)

multidão de outros homens encostam-se ás arvores esperando a vez. Ouve-se rodar o primeiro carro.

O açougueiro, o relojoeiro, o fructeiro apparecem. Descem os toldos das lojas e abrem portas com um rumor de fechaduras. Todos mergulham na obscuridade dos seus dominios. Todos tornam a sair das casas com uma ratoeira na mão. No interior de cada uma das ratoeiras um rato cinzento, agil, assustado, se debate.

Os negociantes se dirigem ao gato. O animal postado em frente da tchaikhana pisca os olhos. Dentro de pouco irá se deitar, chega ao fim o seu tempo de guarda. O ar está fresco, entretanto o calor se estira perto e se arremessa dos cantos.

As ratoeiras encantam o gato. A inquietação dos ratos o irrita. A primeira ratoeira se abre. O rato sae rolando como uma bobina de fio cinzento, o gato agarra-a quasi que num vôo e se lambe alegremente. A presa é pequena para a refeição matinal.

A segunda ratoeira apresenta diante delle o seu brilho de grade metalica. O rato se desvencilha com prudencia, ardilosamente. O gato mostra mais esperteza. O rato se afasta lentamente. O felino puxa-o com a pata e vira-o de costas. Brinca com elle até o momento em que o pobre se atira num salto desesperado. O gato agarra-o e trinca-o de vagar, deliciado, mexendo a cauda.

Não tem vontade de comer o terceiro. Elle póde fugir. O gato não quer nem olhal-o. Matam o animal com uma vassourada. Elle cae de lado, arrastam-o até junto do gato, que o contempla, sem maldade, com os enormes e mysteriosos olhos e parte. O rato o aborrece. Parte sem se voltar. Empurram com a vassoura o pequeno corpo que rola na poeira da rua.

O russo consulta o relogio. Que penna: oito horas. O djiguite vae com certeza se eternizar na policia. Porque foi permittir que elle prendesse o "tchairiker"?... E' preciso seguir viagem dentro de meia hora. Elle é esperado longe, fóra da cidade, pelos cavallos, pela aldeia, pelo trabalho. Os transeuntes se tornam mais frequentes. Tres typos em roupão levam um homem de terno de tussor todo rasgado. Elle está com estertores; chegando em frente á tchaikhana, pede:

— Daí-me de beber!

Tem o rosto arranhado e um olho inchado.

— Para onde o levam? pergunta o russo. Um dos homens de roupão responde:

— Matou uma mulher esta noite.

O russo reconhece o homem: encontrou-o na policia quando foi buscar a autorização para pernoitar. Trazem uma chicara de agua. O homem a esvasia de um trago. Levam-o com o queixo humido. Um dos que acompanham o assassino se senta num tapete e grita:

— "Aka", chá!

— Porque foi que elle matou? pergunta o russo.

Elle se recorda da mulher de olhos pequenos e vermelhos que chorava. Foi ella!

— O calor, responde o homem interpellado, sabes, numa noite como a passada o sangue ferve. E' preciso não afrontar um homem numa noite semelhante.

— O gato, diz o russo á parte, o gato. Come um, brinca com o outro, e não quer o terceiro. Resulta que o terceiro, sou eu. Si eu contar isso em casa, na Russia, não acreditarão: muito romantico.

Os funccionarios passam para os escriptorios. Estão vestidos com calças brancas ou listadas, blusas e sandalias; não usam chapéo. O ar fresco desappareceu, começa um dia de calor. O russo pensa na mulher que deixou em Samarkand e no chefe que o espera. Sente necessidade de raciocinar:

— Si não fossemos nós, si não fosse a revolução, não haveria nada aqui: as paredes, o calor, ou até os inglezes.

Acende com prazer um cigarro no de um funccionario que passa. Pensa contente nos quadros de estatistica que vae levar para Samarkand. Precisa não esquecer de verificar os atalhos que neste paiz são sempre muito longos, e sobretudo, terminada a viagem mudar de djiguite.

O patrão traz-lhe uma chicara de chá com torradas. De repente o gato pula para os joelhos do russo e esfrega a cabeça no peito do homem.

Uma repugnancia subita invade o russo. Empurra o gato dizendo:

— Sae, asiatico!

KOHOUT NEW YORK

Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus apparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o Nutrion, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systhema nervoso.